



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CÂMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



TIAGO TSEREWATAWE TSITEDZE

A CAÇADA DE FOGO DO POVO A’UWĒ ‘RĀPRÉ (XAVANTE):
NA VIDA E NA ESCOLA

Barra do Bugres – MT

2025

TIAGO TSEREWATAWE TSITEDZE

A CAÇADA DE FOGO DO POVO A'UWÊ 'RÃPRÉ (XAVANTE): NA VIDA E NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus Univ. Dep. Est. “Renê Barbour”* – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado (a) em 24 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA**
Data: 24/07/2025 17:33:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira
Orientador (UNEMAT/PPGECH)

Documento assinado digitalmente
 **RAIMUNDO NONATO CUNHA DE FRANCA**
Data: 24/07/2025 17:22:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cunha de Franca
Examinador Interno (UNEMAT/PPGECH)

Documento assinado digitalmente
 **ERCIVALDO DAMSOKEKWA CALIXTO XERENTE**
Data: 24/07/2025 16:44:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ercivaldo Damsokekwa Calixto Xerente
Examinador Externo - Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-TOCANTINS)

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

T882c Tsitedze, Tiago Tserewatawe.

A Caçada com fogo do Povo A'uwe 'Răpré (Xavante): na Vida e na Escola / Tiago Tserewatawe Tsitedze. - Barra do Bugres, 2025. 77f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Carlos Edinei de Oliveira.

1. Povo A'uwe 'Răpré-Xavante. 2. Caçada com fogo. 3. Vida Xavante. I. Oliveira, Carlos Edinei de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 371.13

Dedico esta dissertação à minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos. Também dedico este trabalho ao meu orientador, cuja orientação foi fundamental para o meu desenvolvimento de mestrado. Esse trabalho é dedicado a todos aqueles que acreditaram em mim e me incentivaram a seguir até o final.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a força e a perseverança necessárias para me manter firme na direção do meu objetivo.

Agradeço aos meus saudosos pais Fernando Tsitedzé Wa'õmorã e Cristina Ro'odzawa Pariwawi , ao meu irmão Salvador Tseredzaridi Tsitedzé e a minha esposa, que sempre acreditaram e me apoiaram em todos os meus momentos e decisões.

Agradeço aos meus familiares e amigos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a transformar esse sonho em realidade.

Agradeço aos meus parentes, colegas de programa, coordenadores, equipes e professores que fizeram parte da minha vida durante esses anos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira, pela contribuição com minha aprendizagem e a todo pessoal do PPGCI.

RESUMO

O tema escolhido para esta pesquisa foi “A caçada de fogo do povo *A’uwe ‘Rãpré* – Xavante”. Trata-se de um tema pertinente para um estudo cultural/autoetnográfico porque relaciona o ritual da caçada de fogo com o ritual do casamento, existente há centenas de anos, considerados indissociáveis dentro da cultura *A’uwe ‘Rãpré* (Xavante). Com a chegada da modernidade em nossas aldeias indígenas, seja por meio dos novos métodos de ensinar na escola, seja com a entrada do celular em nossas comunidades, muita coisa se transformou em nossa cultura. Essa pesquisa é fundamental para manter aspectos da nossa cultura, destacando a importância da caçada com fogo na dinâmica do fortalecimento da forma de viver *A’uwe ‘Rãpré* (Xavante). A pesquisa foi construída metodologicamente com entrevistas realizadas com anciãos, cujas memórias permitiram a escrita autoetnográfica do texto. Muitas histórias foram contadas pelos anciãos e algumas presenciadas pelo pesquisador. As entrevistas foram transcritas, pois são conhecimentos valiosos da ancestralidade e de histórias vividas pelos antepassados. A dissertação se justifica pela necessidade de construirmos um registro sobre a caçada de fogo e oportunizar à escola um material didático para que os professores das escolas indígenas *A’uwe ‘Rãpré* (Xavante), ou não, possam trabalhar com seus alunos. A oralidade passa também por um processo de guarda quando está registrada. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo compreender o significado da caçada de fogo para a vida e para a escolarização do povo *A’uwe ‘Rãpré* (Xavante). O nome *A’uwe ‘Rãpré* (Xavante) significa povo guerreiro de cabeça vermelha, falante de língua do tronco linguístico Jê. Desde o tempo dos nossos antepassados, a nossa luta continua pelo reconhecimento da caçada de fogo do povo *A’uwẽ Uptabi* (Xavante). Assim, esperamos que essa pesquisa possa subsidiar professores nas escolas para que trabalhem a temática como forma de manter viva a identidade do nosso povo.

Palavras-chave: Povo *A’uwe ‘Rãpré* – Xavante; Caçada com fogo; Vida Xavante.

ABSTRACT

The theme chosen for this research is “*The Fire Hunt of the A’uwe 'Rãpré – Xavante People.*” This is a relevant topic for a cultural/autoethnographic study because it links the fire hunt ritual with the marriage ritual—both of which have existed for hundreds of years and are considered inseparable within A’uwe 'Rãpré (Xavante) culture. With the arrival of modern influences in our Indigenous villages—such as new teaching methods in schools and the introduction of mobile phones—many aspects of our culture have changed. This research is essential for preserving elements of our culture, highlighting the significance of the fire hunt in strengthening the A’uwe 'Rãpré (Xavante) way of life. The research was methodologically built through interviews with elders, whose memories enabled the autoethnographic writing of the text. Many stories were told by the elders, and some were witnessed by the researcher. The interviews were transcribed, as they represent valuable ancestral knowledge and lived histories. This dissertation is justified by the need to create a record of the fire hunt and to provide schools with educational material, so that A’uwe 'Rãpré (Xavante) Indigenous teachers—or others—can work on this theme with their students. Oral tradition also undergoes a process of preservation when documented. Therefore, this study aims to understand the meaning of the fire hunt for the life and education of the A’uwe 'Rãpré (Xavante) people. The name *A’uwe 'Rãpré (Xavante)* means “red-headed warrior people,” speakers of a Jê language. Since the time of our ancestors, our struggle has continued for the recognition of the fire hunt of the A’uwẽ Uptabi (Xavante) people. We hope this research can support teachers in working with this topic as a way to keep our people's identity alive.

Keywords: A’uwe ‘Rãpré – Xavante People; Fire Hunt; Xavante life.

Iwatsu'u dzé

Rowatsu'u pitsudu hã romhuri 'manharida hã te tihöiba " A'uwẽ 'Rãpré nhimidzarõĩ". Te wahutu monoda du dzarõĩ na wahöimana dzé 'manhari dzé hã, ãma 're ihöimana monodzé hã datsina damrõ dzé hã, wa'ru'rata nori dahawi we 're ihöimana mono hã tsi'utõri ãna. Wahöimana dzé hã te we tsitsaprimono romhöimana tébdzarina, niwamhã, tsiróma nhimi rowaihu'u dzéb hawi duré ro'manharité datsi tsadaihu'u dzé 're ihöimana dza'ra mono na. Danhinhari nhihödö hã ma we tsi'manha daprédu'aba (lhi) nori dzadanhari dzari na, rowatsu'u hã tsa'ëtēna te 'manhari abani dadzadanhari dzari aba hã, tahã ma te tsihöiba dza'ra itsihötö na hã, wa'ru'rata nori danhimi rowaihu'u aba mono hã 're ihöimana dza'ra mono. Dudzarõĩ na romhuri 'manhari hã ma we tsi'manha itsihötö na damarowaihu'u'wa nori romnhoré dzéb'u dzéma te ãma dama 're ró'ma'wamari dza'ra monoda romnhoré'wa nori ma. Rowatsu'u na rowaihu'u nhomri te to 'rehöimana wahöimana dzé, tahadzari na te ãhã dutsu na romhuri 'manhari hã tihöiba romnhuré u watsima rowaihu'u dzébda. Wanhitsi hã A'uwẽ 'Rãpré, Macro Jê 're te wamreme hã 're höimana. Wa'ru'rata nori we date 're ró'wapéi'u'ötsi'wa, dutsu na wahöimana dzé we date wama tsadaihu'u da hã. ãhã romhuri hã wa'ãma tsimé dzö te ro'madö ãma tihöiba, wahöimana dzé hã 're höimana'u'ötsi monoda tsiptete na.

A'uwe 'Rãpré ; Dudzarõĩ; Xavante Höimana dzé.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tiago Tserewatawe Tsitedzé	11
Figura 2 – <i>Watebremit</i> (fase de vida de criança).....	12
Figura 3 – <i>Ai'repudu</i>	13
Figura 4 – <i>Wapté</i> (fase de vida de adolescência)	14
Figura 5 – Apresentação Cultural.....	14
Figura 6 – Danhono (passagem de vida de adolescência – <i>Wapté</i>)	17
Figura 7 – Ritual de passagem de vida	18
Figura 8 – Vida acadêmica de 2017 a 2022.....	20
Figura 9 – Amigos do Mestrado	22
Figura 10 – Dapraba	26
Figura 11 – Ó'ó (luta de raiz).....	27
Figura 12 – <i>Dadzarõno</i> (dança de dia).....	27
Figura 13 – <i>Dapo'rewa'u</i> (pauzinho da orelha).....	28
Figura 14 – Guerreiro	29
Figura 15 – Homens e mulheres com gravata.....	29
Figura 16 – <i>Danhiptsi</i> (cordinha do pulso e tornozelo).....	30
Figura 17 – <i>Danhono</i> (passagem de fase de vida de adolescente)	30
Figura 18 – Área com território Xavante.....	32
Figura 19 – Quadro da Funai/CR-Barra do Garças-MT	37
Figura 20 – Artefatos usados na caçada com fogo na aldeia N.S. Fátima.....	37
Figura 21 – Luiz Duptuwẽ	41
Figura 22 – Desiderio Êtẽro'owe	42
Figura 23 – Entrevista com consultor nativo Desidério, da aldeia N.S. de Fátima	43
Figura 24 – <i>Dutsui Watsu'u</i> – Ensino tradicional de Caçada de Fogo.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma Educação Xavante.....	36
Quadro 2 – Técnicas ensinadas pelos sábios Xavantes – Caçada do Fogo.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Períodos de Escolarização	16
Tabela 2 – Situação fundiária das Terras Indígenas Xavante	33

SUMÁRIO

O PESQUISADOR	11
INTRODUÇÃO	23
1. O POVO A'UWE 'RĂPRÉ E SUA CULTURA NA ESCOLA.....	26
1.1 O POVO A'UWE 'RĂPRÉ.....	26
1.2 A CULTURA DO POVO A'UWE 'RĂPRÉ NA ESCOLA	35
2. A CAÇADA DO POVO A'UWĚ UPTABI (XAVANTE).....	40
2.1 DUTSU (CAÇADA DE FOGO) DO POVO A'UWĚ 'RĂPRÉ (XAVANTE).....	43
2.2 DUTSU (CAÇADA DE FOGO): CONHECIMENTO	45
2.3 DUTSU (CAÇADA DE FOGO): TÉCNICAS	47
2.4 EDUCAÇÃO PARA A CAÇADA	49
2.5 O CASAMENTO DO POVO A'UWĚ 'RĂPRÉ (XAVANTE) E A CAÇADA	50
3. ESCOLARIZAÇÃO NÃO INDÍGENA DO POVO XAVANTE	52
3.1. O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO POVO XAVANTE.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	56

O PESQUISADOR

Figura 1 – Tiago Tserewatawe Tsitedzé



Fonte: Acervo de Tiago Tserewatawe Tsitedzé (2025).

Eu, Tiago Tserewatawe Tsitedzé.

Clã: Tobratató (Subclã: Öwawe).

Grupo: Etepa.

Filiação: Fernando Tsitedzé Wa'õmorã e Cristina Ro'odzawa Pariwawi.

Residente: Aldeia Nossa Senhora de Fátima (*Wardzui'ahö*).

T.I.: São Marcos (*Etenho'repré*).

Etnia: Xavante (*A'uwe 'Rãpré*).

Município: Barra do Garças/MT.

Graduado: Ciências Sociais.

Ano: 2022.

Instituição: Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso).

Faindi: Faculdade Indígena Intercultural.

Município: Barra do Bugres/MT.

Ano: 2023/24.

Casado com: Cinira Pe'rãra Teihidzatsé/Xavante e Natália Luce Ro'ówëna Teihidzatsé.

Pai de seis filhos:

Filhos da Cinira Pe'rãra Teihidzatsé/Xavante

1. Roniery Tsitedzé Tserewatawë.
2. Samir A'édzané Tserewatawë.
3. Fernando Wérépté Tserewatawë.
4. Teylor Nhopawariwë Tserewatawë.
5. Omar Ramos Dumhiwë Tserewatawë.

Filho da Natália Luce Ro'ówëna Teihidzatsé/Xavante

6. Eddy Teróptéwë Tserewatawë.

Nascido no dia 15 de agosto de 1980, na aldeia São Marcos, Terra Indígena São Marcos, fruto do território conhecido como **Terra Indígena São Marcos (Ētênho'repré)**, cresci aprendendo e participando de os todos os rituais realizados na época e os ensinamentos tradicionais do meu povo **A'uwë'Rãpré** (Xavante), acompanhados pelos conhecedores da natureza presentes na época na comunidade.

Porém, tenho relação muito forte com tudo que pertence ao meu povo. Mantenho a língua materna na oralidade e na escrita, conheço os valores culturais do meu povo que existem desde os nossos antepassados até momento. Desde pequeno, praticava e participava seguindo os bons ensinamentos e orientações dos mais velhos.

Figura 2 – *Watebremit* (fase de vida de criança)



Fonte: Acervo do autor (1989).

Sou xavante nativo, cresci falando, conhecendo, sabendo, aprendendo a cada fase os conhecimentos ancestrais com a orientação dos mais experientes de acordo com a nossa maneira de educação tradicional usada nos nossos espaços educativos. Além da educação escolar, aprendi com os ensinamentos da sociedade de não indígena, conhecido pelo meu povo como *Waradzu-Tsi'uróbó* (Branco).

Na Figura 2, sou o menino que está no centro, entre dois amigos, na época com nove anos de idade. Quando era criança, participava de todos os rituais ocorridos na aldeia onde morava. Vivenciei todos os princípios de aprendizagem dos homens organizados a serem seguidos, como as danças culturais com a pintura corporal e algumas outras atividades masculinas.

Figura 3 – *Ai'repudu*



Fonte: Acervo Pe. Giacaria (1993).

Na Figura 3, sou o primeiro, com o corpo pintado de vermelho e um calção da cor vermelha, com 12 anos de idade. Culturalmente na fase de vida dos *Ai'repudu*, é a fase de vida de participação de luta de *Ói'ó*, a luta realizada no meio de toda comunidade de clã contra outro clã. Em certa idade, os *ai'repudu* lutam entre si, demonstrando sua coragem para se tornar guerreiros.

Passei essa fase de vida participando da luta específica dos meninos, fui líder dos companheiros do meu grupo, do clã do qual faço parte, o Tobratató subclã de Öwawe. Comecei a participar dessa luta desde pequeno, quando tinha cinco anos de idade, conforme o regime tradicional da nossa cultura, pois todos os homens são obrigados a participar.

Havia muitos companheiros meus que faziam parte do meu grupo, assim como os grupos opostos, que tinham muitos que lutavam contra nós, conhecidos como *Po'redza'õno*. Eram bons guerreiros, corajosos e por sorte que tinha nessa época, nenhum deles ganhavam de mim nessa luta de *ói'ó*, pois sempre tive bom preparo físico e psicológico para essa luta, registrando minha história na minha memória do território onde atuo.

Figura 4 – *Wapté* (fase de vida de adolescência)



Fonte: Acervo Pe. Giacaria (1993).

Na Figura 4, com 15 anos de idade, participo na aldeia de uma missa no Domingo de Ramos, onde estou erguendo um santuário. Nessa época, estava na fase da vida de adolescente.

Figura 5 – Apresentação Cultural



Fonte: Tsa'amri - São Marcos (1994).

Na Figura 5, há uma apresentação cultural, demonstração de aprendizagem do grupo de adolescentes na cultura do Xavante, que mostra se realmente estamos aprendendo os conhecimentos ancestrais. Na Figura, sou o segundo da esquerda para a direita e estou segurando um pedaço de madeira de erva medicinal com uma cabaça na ponta.

Ao passar a fase de vida de *ai'repudu*, entrei na fase de vida de *wapté*, outro processo de aprendizagem na cultura do meu povo. Fiquei nessa fase de vida durante cinco anos, aprendendo todos os ensinamentos dos nossos responsáveis que são os *danhohui'wa* (padrinho). Os nossos padrinhos eram grupo Hötörã, que tinha a função de nos cuidar, ensinar e orientar em relação a todos os conhecimentos tradicionais que estavam ao nosso alcance, no nosso espaço de aprendizagem.

Foi muito interessante eu ter convivido com esse grupo e nessa fase de vida, pois aprendi muito com as orientações dos nossos responsáveis sobre a importância dos conhecimentos ancestrais, valores, sabedorias, religiosidades e muitas outras práticas de ensino nos nossos campos de aprendizagens.

Além do processo de aprendizagem tradicional, tive outro processo de aprendizagem no decorrer dos anos que se passaram, pois a educação do não indígena, conhecido como processo de aprendizagem na escola, ou seja, ensino dentro de quatro paredes, uma lição com o professor, diferente de educador.

Comecei a frequentar a partir de 1986 esse processo de aprendizagem, quando tinha seis anos de idade, na Escola Indígena Estadual Dom Filippo Rinaldo, situada na aldeia São Marcos, de Terra Indígena São Marcos, município de Barra do Garças/MT.

Esse estabelecimento de ensino era dirigido pelos missionários Salesianos e na época já havia professor contratado pelo estado de Mato Grosso, mas era considerado como professor bilíngue, pois não tinha formação adequada para exercer esse tipo de função como professor. A maioria desses monitores que lecionava era melhor de ensinamentos, pois são pioneiros de lições na sala de aula e no campo. Quem lecionava na época da pré-escola, conhecido atualmente como 1º Ciclo/1ª Fase, era o meu saudoso e finado primo Pedrinho, por quem tive os princípios de processo de aprendizagens nos dois conhecimentos existentes no mundo onde vivo. Na época, frequentava dois anos de ensino em uma mesma série, estudei em 1986 e 1987, um momento muito marcante da minha vida na luta e na busca de aprendizagens.

Nos anos de 1988 a 1989, assim que fui promovido de uma série para outra, comecei a frequentar outra modalidade de ensino, a antiga 1ª série, atualmente conhecido como 1º Ciclo/2ª Fase, cujo monitor era o Senhor Raimundo Urébeté Ai'reró. Nos anos seguintes de 1989, havia grupos formandos que fundaram uma aldeia chamada Aldeia Nova Jerusalém, no mesmo território, mas um pouco distante da aldeia principal, com cerca de 6 quilômetros da aldeia São Marcos, onde se situa a escola onde comecei a estudar. Sem eu saber o que se passava e os relacionamentos do meu saudoso papai e da minha saudosa mamãe, eles nos levaram com esse grupo que fundou uma aldeia nova em busca de uma vida nova.

Mesmo assim, com grupos de crianças do qual fazia parte, não desistimos dos estudos, éramos muitos, fomos insistentes de estudar no começo, no ano de fundação da aldeia, e juntos caminhávamos a pé, lutávamos para frequentar os dias letivos com muita força. As aulas começavam a partir das 7 horas e a gente sempre saía de casa a partir das 5 horas, sem pensar nos riscos que se passavam no caminho, no tempo de seca e nos tempos da chuva. Éramos felizes, cantávamos e brincávamos muito no caminho para a escola.

Esse tipo de ensino era consequente, como citei acima, e tinha frequentado os mesmos módulos, isso quer dizer que o Ensino Fundamental I, o antigo Pré (1º Ciclo/1º Ano) a 4ª série (2º Ciclo/5º Ano), na aldeia durava dois anos cada período de ensino, os quais relaciono a seguir:

Tabela 1 – Períodos de Escolarização

Ano	Série (Ciclo/Ano)	Duração	Docente
1986 a 1987	Pré (1º Ciclo/1º Ano)	2 anos	Pedrinho
1988 a 1989	1ª série (1º Ciclo/2º Ano)	2 anos	Raimundo Urébeté Ai'reró
1990 a 1991	2ª série (1º Ciclo/3º Ano)	2 anos	Rufino Tõmoptsé Duprédzano
1992 a 1993	3ª série (2º Ciclo/4º Ano)	2 anos	Lourenço Wa'ané Duptuwe

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Dos anos de 1989 a 1993, foi com muito sacrifício que frequentei a escola por espaço que frequentava entre o estabelecimento de ensino e a aldeia onde morava, por conta de muitas consequências que passávamos. Muitos de meus companheiros desistiram das aulas e tiveram que dar continuidade aos estudos na aldeia

estabelecida pela rede municipal conquistada pelas lideranças da nova aldeia, pois não davam mais conta de frequentar a escola onde começamos a estudar juntos.

Anos depois, percebi as grandes preocupações dos nossos familiares, comunidades da aldeia e principalmente dos nossos pais e das nossas mães, mas nós mesmos que percorríamos juntos o caminho para a escola não notávamos os riscos e nem pensávamos nos perigos, pois, por sorte, nunca encontramos situações estranhas e nem atentados de quaisquer atos pelos estranhos no decorrer do ano que enfrentávamos, o que me faz lembrar de vez em quando na hora de minhas recordações do meu passado. No território onde estamos até hoje, há vários tipos de animais selvagens que costumam habitar o Cerrado e que poderiam nos atacar no caminho que percorríamos.

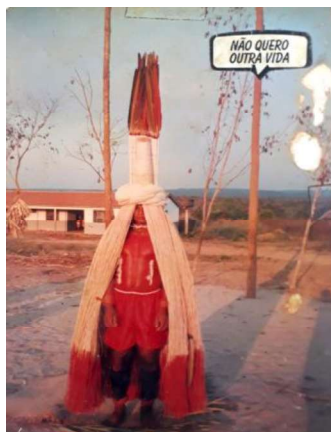
Figura 6 – Danhono (passagem de vida de adolescência – *Wapté*)



Fonte: Acervo do autor (1997).

Em 1997, havia ritual realizado na comunidade onde morava e estudava, uma cerimônia de passagem de vida e foi nesse ano que realizou a minha passagem de vida de *Wapté* (adolescência) para a vida de *'Ritéi'wa* (moço).

Figura 7 – Ritual de passagem de vida



Fonte: Fernando Tsitedzé Wa'ômorã (1997).

Após esse ano e essa passagem de vida, nos anos de 1998, ganhei a liberdade de conviver com a minha comunidade, utilizando tudo que aprendi no decorrer de processo de aprendizagem na vida de adolescência, valorizando as normativas tradicionais e respeitando os modos e as maneiras de convivência na comunidade em geral.

No ano de 1998, comecei a estudar com a sociedade de não indígena, começando a seguir o sonho do meu saudoso pai, pois sempre sonhava que o filho alcançasse um futuro melhor. Então, não tive segunda opção, logo, aceitei a começar a buscar e lutar por um futuro melhor, mesmo assim tinha muita dificuldade de dialogar, me expressar e principalmente conviver na cidade, mas sabia ler, escrever e tinha domínio da disciplina de matemática.

Na sociedade de não indígena, comecei de estudar na cidade pequena, que fica próxima do meu território, conhecido como General Carneiro/MT. Na Escola Estadual Dr. João Ponce de Arruda, tinha ingressado na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois me consideravam com maior idade e não era para frequentar ensino regular, era para eu estudar na 7ª série. Então, sabendo a minha idade, me colocaram na EJA, logo, comecei fazer os dois em um ano de estudo. Na 7ª série, no começo do ano 1998 até julho, fui promovido, dei continuidade de agosto a dezembro e fazia 8ª série, consegui promover em um ano só, concluindo o Ensino Fundamental. Era o meu primeiro momento de avanço na escolaridade com a sociedade do não indígena.

Durante dois anos, nos anos de 1999 a 2000, fiquei afastado da escola por conta de um problema de saúde do meu saudoso pai. Nesses dois anos, o meu

saudoso papai foi operado em Goiânia/GO, ficou meses para se recuperar e toda minha família teve que acompanhar o problema que tivemos. Ao mesmo tempo, houve um problema na nossa política interna no nosso território, teve a disputa do poder tradicional entre a própria comunidade, mas, com o tempo, todos esses problemas foram resolvidos.

Em 2001, retomei o meu estudo e me transferi da cidade onde comecei a estudar no município conhecido como Barra do Garças/MT, divisa de Goiás. Nessa cidade dei a continuidade aos estudos, pois já estava com 21 anos de idade, então, não podia me matricular no ensino regular na modalidade de Ensino Médio. Nesse caso, continuava frequentando o Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Estadual José Ângelo dos Santos.

Logo comecei a fazer o Ensino Médio, com dois anos curriculares em um ano letivo apenas e em 2002 frequentei o 3º ano do Ensino Médio. Notava que os estudos eram mais avançados, mas me esforçava bastante para poder alcançar o meu objetivo e não sentia vergonha dos discursos e diálogos que vinha fazendo no decorrer de um ano e meio com dificuldade, pois o português não é minha primeira língua e, achava muito complicado entender e falar em português cotidianamente.

Assim que conclui essa fase de ensino, na época, em julho do ano de 2002, houve a fundação da Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, da Terra Indígena São Marcos/MT e fui acompanhar a minha família para a aldeia nova, pois o meu saudoso pai tinha decidido mudar para a nova aldeia.

O grupo do qual faço parte na comunidade ficou pouco tempo na aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, apenas cinco meses, de julho a novembro. No dia 8 de dezembro 2022, foi fundada a Aldeia *Waradzuhĩ'ahö* (Nossa Senhora de Fátima), localizada no sul da Terra Indígena São Marcos/MT. Desde o primeiro dia de fundação, o Senhor Lourenço Wa'ané Duptuwe foi escolhido pelos anciãos o representante legal dessa comunidade, representando esta aldeia e comunidade até o momento. Nessa aldeia resido até hoje.

No ano de 2015, após ler o edital da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), ingressei no processo seletivo que ocorria. Naquele tempo foi muito difícil participar da seleção que ocorreu na cidade de Água Boa/MT, mas com o apoio da minha família, consegui realizar o que queria fazer, o meu objetivo, que era me aperfeiçoar e buscar novos conhecimentos por parte da educação para contribuir e

compartilhar tudo o que aprenderia durante o curso na academia na minha comunidade e principalmente na comunidade escolar.

No edital, observei que as vagas dispostas eram poucas, pois havia 12 vagas para a etnia Xavante, dividida em dois, ou seja, seis vagas para o curso de Pedagogia e seis vagas para o curso de Licenciatura. Segundo levantamento da Comissão de Vestibular (Covest), havia 63 inscritos para o curso de Pedagogia e havia mais de Licenciatura. Apesar de ter Xavante de vários territórios, consegui atingir os pontos necessários para a classificação para ocupar uma vaga como acadêmico do curso de Licenciatura Indígena Intercultural na Unemat.

No dia 4 de dezembro de 2015, saiu o resultado do exame para entrada e vi meu nome na lista de classificação. Foi um momento marcante e de muita alegria. Os classificados foram chamados para fazer matrícula em Cuiabá e mesmo com dificuldade financeira, era o início do meu avanço na melhoria e aperfeiçoamento da aprendizagem para ser colocado em prática na escola da aldeia.

Figura 8 – Vida acadêmica de 2017 a 2022



Fonte: Natalino Tseredzahi (2017/2020).

No decorrer desse curso, durante seis anos de vida acadêmica, tive muitos relacionamentos amigáveis com meus colegas parentes e com toda a equipe da

Faculdade Indígena Intercultural (Faindi). Nesse período, vivi alegrias e tristezas com as relações da comunidade, principalmente, com a família no período da pandemia, que foi um problema muito maior que interferiu em todos os planejamentos de todas as organizações.

É claro que todas essas consequências faziam parte de vida na luta por alguma coisa, mas cabe a nós seguir a nossa caminhada, seja na tristeza ou na alegria, pois a vida segue com muitas lembranças que ocorrem no nosso alcance. Entre esses fatos, o nosso desafio maior por parte da educação ao longo dos anos é enfrentando a política educacional, considerada como política destruidora, que interferiu muito no nosso processo de aprendizagem e na nossa própria organização do povo Xavante. As novas normas educacionais do governo estadual desrespeitaram a Educação Escolar Indígena, assegurada na Constituição Federal Brasileira de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), que assegura às comunidades indígenas o direito à educação diferenciada, específica e bilíngue, desconsiderando o nosso modo, a nossa maneira, nossas práticas, de acordo com a nossa realidade, usando a própria epistemologia no nosso espaço educativo.

A minha jornada acadêmica foi muito rápida, mas foi muito produtiva e de aprendizados, aprendizagens que estou compartilhando com a comunidade onde atuo, seja na aldeia ou nos grupos tradicionais formados e na escola também, realizando o meu compromisso com o povo do meu território, aplicando o que aprendi no decorrer do ano de vida acadêmica.

O meu desejo de me aperfeiçoar na área de educação, para poder atuar na sala de aula como professor mais qualificado, se realizou em setembro de 2022, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Nesse nível de ensino, observei a maneira e o modo didático dos professores, que foi diferente da graduação. Foi muito difícil acompanhar o estudo, éramos poucos mestrandos, 20 alunos incluindo eu, mas nos conhecemos, fizemos amizades. A nossa turma era composta de várias etnias, línguas, costumes e crenças diferentes, mas, com o tempo, nos adaptamos a frequentar a nossa jornada de ensino no espaço onde realizava as etapas presenciais. Graças as boas equipes do campo e do programa, tivemos muito apoio para realizar o nosso sonho e fomos felizes.

Figura 9 – Amigos do Mestrado



Fonte: Acervo do autor (2025).

Agora, ao finalizar essa etapa, vamos iniciar outra história.

INTRODUÇÃO

O tema da minha pesquisa está relacionado aos conhecimentos e técnicas da Caçada de Fogo do Povo *A'uwe 'Rãpré* (Xavante), para que eu possa dar um iniciativo ao conhecimento e ao registro da história valiosa existente na memória dos anciãos sobre os nossos antepassados. Essas memórias fazem que a nossa cultura seja ensinada pela oralidade, pois falta registro escrito realizado por pesquisador Xavante sobre as práticas realizadas pela maioria de nós até o momento. A Caçada de Fogo está sendo mantida entre os *A'uwe 'Rãpré*, seguindo as regras e sendo valorizada pelos novos praticantes.

Dutsu, a caçada de fogo, é uma prática de caçada que se coloca fogo em um determinado espaço que é escolhido pelos mais experientes, de forma circular. É uma maneira de cercar as caças. Essa caçada é a forma de manutenção da organização e sustentação familiar Xavante.

A caçada de fogo é uma tarefa masculina e somente os homens são praticantes dela. A caça é uma tarefa pesada, praticada no Cerrado e os mais novos caçadores são orientados e acompanhados pelos mais experientes das práticas de campo.

Este trabalho de pesquisa foi realizado na aldeia onde moro, aldeia Nossa Senhora de Fátima (*Waradzuhi'ahö*), Terra Indígena São Marcos (*Ētēho'repré*), tendo como informante o senhor Desidério Ētēró'ówē, um dos conhecedores da natureza e líder das práticas de caçada de fogo local, que está sempre ativo nas atividades tradicionais no decorrer do ano, contribuindo muito nas orientações aos mais jovens. Desidério Ētēró'ówē é a principal fonte para a escrita dessa dissertação, um dos anciãos que vive na comunidade onde atuo e resido, sendo também o local da pesquisa.

O senhor Desidério Ētēró'ówē chegou pelos idos de 1970, muito jovem no território da Terra Indígena São Marcos, localizada no município de Barra do Garças/MT. Nesse território, participou de toda fase de vida adulta tradicional. Atualmente mora na aldeia Nossa Senhora de Fátima/TI São Marcos, onde acompanhou todos os processos de aprendizagem dos nossos jovens na comunidade, tanto na comunidade da aldeia, quanto na comunidade escolar. É um dos anciãos que batalhou muito na construção de uma comunidade justa, que aconselhava muito os jovens e compartilhava muito seus conhecimentos, sua sabedoria e os fazeres dos nossos ancestrais.

Desidério Êtêró'ówẽ foi um dos sábios que colaborou muito na construção dessa pesquisa. A pesquisa foi realizada na casa do informante, a partir de uma entrevista não estruturada, com auxílio de anotações, e a conversa sobre a Caçada do Fogo ocorreu em um diálogo constante entre o pesquisador e o pesquisado.

Essa pesquisa objetiva compreender o significado da Caçada de Fogo para a vida e para a escolarização do povo *A'uwe 'Rãpré* (Xavante). As práticas cotidianas do povo *A'uwe 'Rãpré* (Xavante), denominadas pelos não indígenas como atividades culturais, se mantêm na forma da tradição e da oralidade, das histórias que os mais velhos, os sábios contam. Os jovens aprendem as práticas da vida cultural na vivência na aldeia com os mais velhos, em um momento e espaço específico denominado de espaço de aprendizagem.

O conhecimento sobre a Caçada de Fogo é ensinado somente para os homens e isso acontece também no espaço da escola, pois o conhecimento é abordado apenas para os meninos, enquanto as meninas, têm outra aprendizagem em um espaço separado.

A escolha desse tema se deu em virtude de que há necessidade de pesquisa, análise e registro sobre as práticas culturais do povo *A'uwe 'Rãpré* (Xavante), neste caso sobre a Caçada de Fogo, com a proposta de fundamentar melhor as aulas na escola.

A escrita da dissertação é uma escrita autoetnográfica, sobre uma prática cultural que conheço, vivencio e insisto para que ela resista. A autoetnografia pode ser assim identificada:

Autoetnografia vem do grego: "auto" (*self* = "em si mesmo"), "*ethnos*" (nação = no sentido de "um povo ou grupo de pertencimento") e "*grapho*" (escrever = "a forma de construção da escrita"). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato ("escrever"), sobre um grupo de pertença ("um povo"), a partir de "si mesmo" (da ótica daquele que escreve). (Santos, 2017, p. 218).

A caçada de fogo é um tema que venho insistindo em estudar, desde a graduação em Licenciatura Indígena Intercultural e dessa forma justifica-se também o uso da pesquisa autoetnográfica, em razão da proximidade com os anciãos e suas histórias de vida.

O reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). (Santos, 2017, p. 219).

Ao realizar a pesquisa, pude escolher os colaboradores que iria entrevistar, colher os relatos e transcrever os ensinamentos dos nossos conhecedores da natureza, com o objetivo de usar esse conhecimento no trabalho como professor na escola e oportunizar a outros que possam difundir sempre a cultura do nosso povo.

Nessa pesquisa, dialogar com os conhecedores da natureza local, os mais velhos da aldeia *Waradzuhi'ahö* (Nossa Senhora de Fátima/Terra Indígena São Marcos), sobre o conhecimento relacionado à Caçada de Fogo do povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante) é aprender para a vida.

Durante a minha pesquisa, descobri que existem formas de caçada tradicional de maneira diferente um do outro que os nossos ancestrais praticavam, seguiam com muito respeito e valorizavam as regras de caçada tradicionais.

A metodologia dessa pesquisa foi desenvolvida em duas fases previamente elaboradas, sendo a primeira onde foi realizado o levantamento bibliográfico para nos ajudar a compreender o estudo que estamos desenvolvendo. A segunda é a pesquisa de campo, que envolve conversar com os consultores nativos locais, pois eles têm saberes que precisam ser registrados para que as próximas gerações conheçam. A escrita da pesquisa seguiu os dados colhidos na segunda fase, por isso que se caracteriza como uma pesquisa autoetnográfica.

Entendemos que não realizar pesquisas como esta pode ter um impacto de que em breve estas práticas culturais possam se perder, pois a Caçada de Fogo é uma fonte de sustentabilidade da organização familiar para o povo *A'uwe 'Rãpré* (Xavante).

No mestrado profissional precisamos realizar um produto pedagógico, desta forma realizei uma aula oficina com os alunos da Escola Estadual Indígena Ulisses Guimarães na Aldeia Nossa Senhora de Fátima – Terra Indígena São Marcos no município de Barra do Garças – MT, onde atuo como professor.

Uma aula oficina é uma forma de ensino prática, participativa e interativa, em que os alunos aprendem em contato com quem conhece e tem experiência sobre a caçada de fogo, os anciãos. O produto educacional está em anexo.

1. O POVO A'UWE 'RĂPRÉ E SUA CULTURA NA ESCOLA

1.1 O POVO A'UWE 'RĂPRÉ

Os *A'uwe 'Răpré* (Xavante) vivem no Cerrado mato-grossense, zona central do Cerrado brasileiro, uma região que combina vegetação de Cerrado e as matas de galeria, que ficam na beira dos rios.

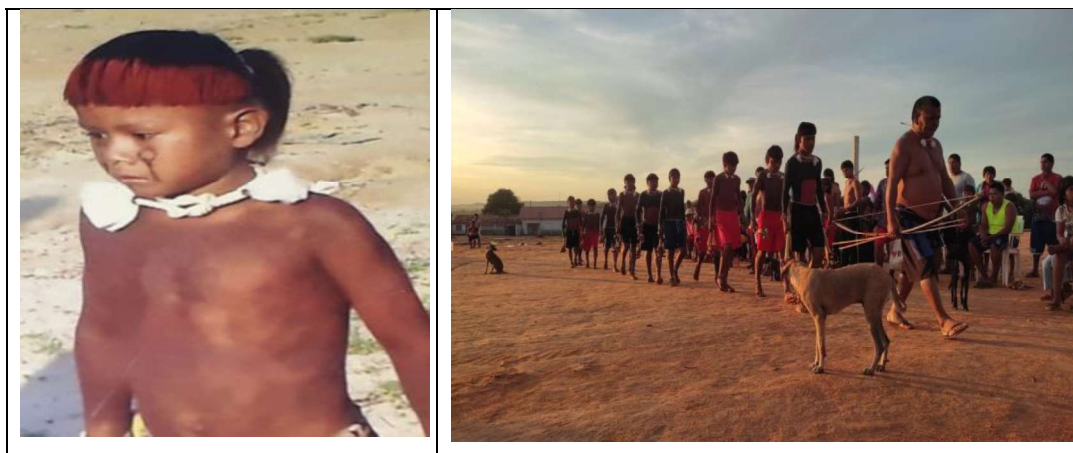
Figura 10 – Dapraaba



Fonte: Tiago Tsitedzé (2000)

O povo da aldeia *Waradzuhi'ahö* (Nossa Senhora de Fátima), Terra Indígena *Ėtênho'repré* (São Marcos), são os sujeitos da pesquisa. Nessa aldeia, o povo vem mantendo suas manifestações culturais fortemente no seu dia a dia de forma conjunta.

Figura 11 – Ó'í'ó (luta de raiz)



Fonte: Tiago Tsitedzé (2019).

Os principais rituais realizados pelos *A'uwe 'Rãpré* na aldeia *Waradzuhi'*ahö são: Ó'í'ó (luta de raiz), *Dadzarõno* (dança de dia), *Uiwede* (corrida de tora de buriti), *Danhonõ* (passagem da fase de vida) e muitos outros.

Figura 12 – Dadzarõno (dança de dia)



Fonte: Tiago Tsitedzé (2019).

Os *A'uwe 'Rãpré* são identificados por algumas características, como o corte de cabelo reto na testa e por pintar os cabelos de vermelho com o urucum. No dia de rituais, para caçadas ou em conflitos, pintam os cabelos de vermelho com urucum, usam cordinha no pulso e no tornozelo e enfeites no pescoço, conhecido como gravata

Xavante, e tem suas variedades de formas de pinturas corporais. Portanto, usam seus nomes específicos entre si como *A'uwe 'Rãpré*.

Figura 13 – *Dapo'rewa'u* (pauzinho da orelha)

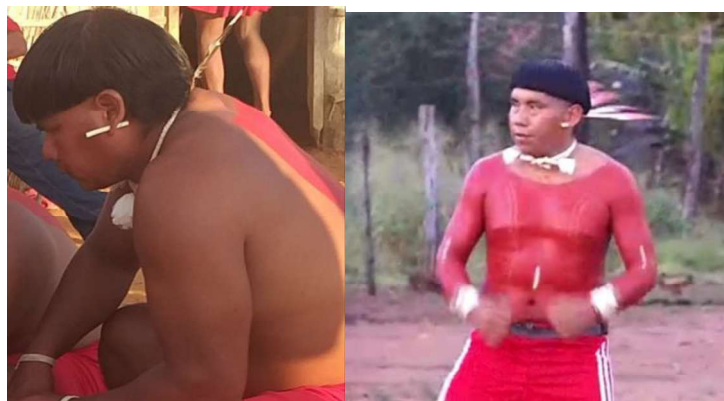


Fonte: Acervo do autor (2025).

Dapo'rewa'u, o pauzinho da orelha, na cultura do povo Xavante, é usado somente pelos homens quando chegar a sua idade certa, ou seja, temos fases de vidas que seguimos durante o processo de amadurecimento no decorrer dos anos de aprendizagens cultural, que são: 1. *Watebreimi* (criança); 2. *Ai'repudu* (menino); 3. *Wapté* (adolescente); 4. *'Ritéi'wa* (moço); 5. *Iprédu* (ancião/conhecedor da natureza).

Passando três fases de vida e chegando à quarta fase, existe um ritual que se realiza de forma coletiva para a perfuração de orelha, que tem a sua duração máxima de cinco meses. Para o povo Xavante, esse ritual é muito valioso e importante, pois só por meio desse ritual chamado de *Danhono*, ocorre a “Passagem de vida” dos Adolescentes (*Wapté*). Após a realização desse ritual, os que ganham o pauzinho na orelha são considerados homens, tomam a liberdade de conviver na vida social tradicional, se tornam homem, isso não representa casado, e sim guerreiro, ao final toma seu reconhecimento como *A'uwẽ 'Rãpré* (Xavante), como mostra a Figura a seguir.

Figura 14 – Guerreiro



Fonte: Acervo do autor (2025).

Danho'rebdzu'a (gravata Xavante) geralmente são usadas nos dias de rituais. Os participantes de rituais, quando se pintam, todos usam a gravata Xavante, sejam homens e mulheres, para combinar com as pinturas durante a realização de ritual realizado, conforme se observa nas Figuras a seguir.

Figura 15 – Homens e mulheres com gravata



Fonte: Acervo do autor (2025).

A cordinha é um adorno tradicionalmente usado com várias finalidades pelos Xavante. É uma atividade masculina e, dependendo das necessidades, os homens buscam no campo e no mato onde estiver, se for necessário.

Figura 16 – *Danhiptsi* (cordinha do pulso e tornozelo)



Fonte: Acervo do autor (2025).

Os *A'uwe 'Rãpré* são conhecidos nacionalmente como povo Xavante, denominado pelos colonizadores que viviam unidos antes da chegada da sociedade não indígena ao território onde habitamos. Os *A'uwe 'Rãpré* manifestavam seus costumes sem interferência e julgamento preconceituoso do povo não indígena.

Figura 17 – *Danhono* (passagem de fase de vida de adolescente)



Fonte: Acervo do autor (2020).

O povo *A'uwe 'Rãpré*, segundo os anciãos, viviam unidos antes da chegada de sociedade não indígena no território que habitávamos, ou seja, o povo que manifestava seus costumes sem nenhum problema, com muita paz.

Após a chegada dos colonizadores ao nosso espaço a partir do avanço da colonização no Brasil, os relatos dos mais velhos contam que o meu povo logo decidiu fugir bem distante das pessoas estranhas, achavam que fugiam de uma vez por todas e que a sociedade de não indígena não encontravam mais.

O grupo formado pelo meu povo era muito maior, não pensavam que algum dia fossem separar e formar vários grupos, até que um dia não esperado por meu povo chegou, era o momento marcante da história do meu povo, quando os colonizadores se aproximaram.

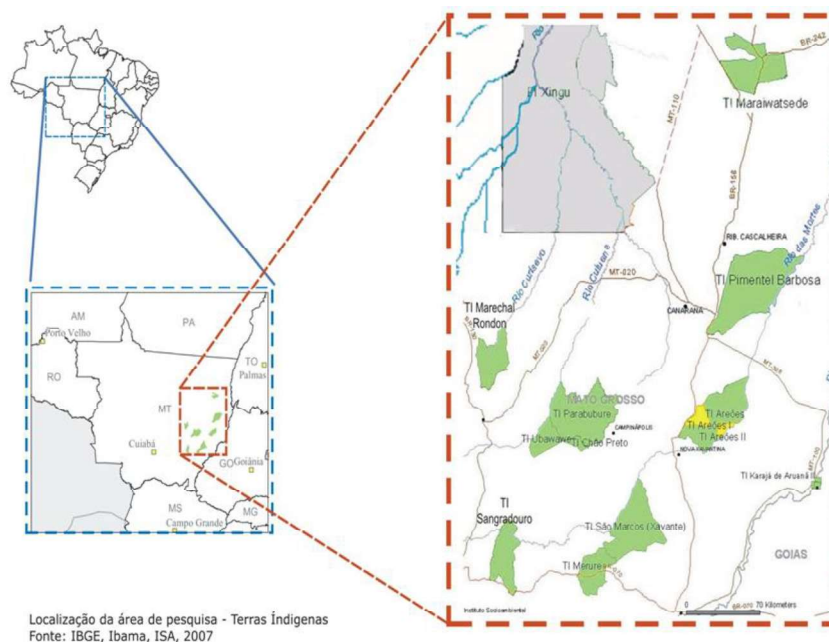
Segundo a história dos pesquisadores Bartolomeu Giaccaria e Adalberto Heide (1972) que passaram em alguns territórios existentes do meu povo, registram que os

povos Xavante foram vistos e encontrados no litoral do oceano, o qual ficou mais conhecido como a cidade metropolitana do Rio de Janeiro e desse território litorâneo vieram ao centro do Brasil para não ter o contato com não indígenas.

Segundo os anciãos, os nossos ancestrais não moravam no mesmo espaço, sempre trocavam de lugar, em busca dos alimentos que consumiam. Na história, o povo Xavante andava por toda parte do Brasil. Os anciãos relatam que havia contatos bons e ruins com outras sociedades indígenas. Os Xavante vivenciaram contatos com diversas culturas e saberes diferentes. Os anciãos notavam que havia variedades de culturas diferentes e algumas eram semelhantes por parte de adereços e outras manifestações, como costumam citar nos relatos: *Naré*, *Tsiretede'wa*, *A'uwe Tóró*, *Waradzu* e outras. Mas, após o contato, cada povo foi denominado pelos colonizadores na língua portuguesa e os nomes dados pelos não indígenas produziram confusão para o meu povo, pois não se sabia mais quais eram os povos que os nossos ancestrais tiveram relação no passado de troca ou de conflito.

Passando os anos, assim que observam a aproximação dos colonizadores cada vez mais e cansados de se distanciar dos não indígenas, começaram a formar os grupos e dividir, e cada grupo escolheu seu caminho. Um grupo permaneceu no Leste, a comunidade Xavante que ficou conhecida por suas terras como Xavante de Território de Areões, pertencente geograficamente ao município de Água Boa/MT, e de Pimentel Barbosa, pertencente ao município de Ribeirão Cascalheira/MT. Antes de se separem para formar dois grupos, tiveram seus contatos nos anos de 1940 pelo grupo do sertanista conhecido como Francisco Meireles. *Marãiwatsede* era um território ancestral que foi retomado recentemente pelos Xavantes, atualmente pertence ao município de Bom Jesus do Araguaia/MT.

Figura 18 – Área com território Xavante



Fonte: Gomide (2025).

Outro grupo maior seguiu o caminho ao centro mato-grossense. Caminhavam na beira de rio das mortes de baixo para cima, chegando ao território onde está situada uma cidade conhecida como Campinápolis/MT e Novo São Joaquim/MT. Depois esse grupo se separou, um grupo foi ao rumo de Santo Antônio do Leste e outros grupos ficaram no território conhecido como *Parabubu*. Os outros grupos que continuavam a caminhar se estabeleceram na Terra Indígena Marechal Rondon, município de Paranatinga/MT, Terra Indígena de Sangradouro, município de General Carneiro e São Marcos, ao município Barra do Garças/MT que é a terra indígena em que resido.

O grupo dos Xavantes da região de Santo Antônio do Leste é conhecido pelos outros na língua materna como *Õnho'udu* e *Ubawawê*, e outros grupos que vivem na região de Paranatinga são tratado de *Ithedu*. Outros ainda que vivem no centro são: Sangradouro da região de General Carneiro, São Marcos da região de Barra do Garças e Parabubu da região de Campinápolis, que são tratados de *Norõtsu'rá*.

Tabela 2 – Situação fundiária das Terras Indígenas Xavante

Terra indígena	Área (hectares)	Município	Situação fundiária
T.I.Marãiwatsede	168.000	Alto da Boa Vista	Homologada
T.I.Pimentel Barbosa	328.966	Água Boa Canarana Ribeirão Cascalheira	Homologada
T.I. Areões	218.515	Nova Xavantina	Homologada
T.I. Areões I	24.450	Água Boa	Demarcada
T.I. Areões II	16.650	Água Boa	Demarcada
T.I. Marechal Rondon	98.500	Paranatinga	Demarcada
T.I. Parabubure*	224.447	Campinópolis Água Boa	Homologada
Chão Preto	8.060	Campinópolis	Homologada
Ubawawe	51.900	Novo São Joaquim	Homologada
T.I. Sangradouro	100.280	General Carneiro Poxoréu	Homologada
T.I. São Marcos	188.478	Barra do Garças	Demarcada

Fonte: GOMIDE (2025).

De acordo com o Censo Demográfico de março de 2025 realizado pelo Distrito Sanitário de Saúde Indígena do Povo Xavante (DSEI Xavante), o número da população Xavante de Mato Grosso é de 26.333 habitantes.

Em Mato Grosso, os *A'uwe* *'Rãpré* ocupam nove terras indígenas, que são:

1. TI Marechal Rondon (*Itehudu*).
2. TI Sangradouro (*Tsõ'rehipãrî*).
3. TI São Marcos (*Ėtênho'repré*).
4. TI Areões.
5. TI Pimentel Barbosa (*Ape*).
6. TI *Marãiwatsédé*.
7. TI *Parabubu*.
8. TI *Ubawawê*.
9. TI Chão Preto.

Os principais destaques da vida do meu povo Xavante é a resistência e a realização das práticas das atividades tradicionais, manutenção dos valores e saberes

do próprio povo como as caçadas, pescaria e rituais. A língua portuguesa em todas as terras indígenas é primeira língua, falada por crianças, jovens e adultos, e a grande maioria tem dificuldade em ler, escrever e se expressar em língua portuguesa. Existe uma preocupação com as práticas de preservação do meio ambiente, do território e da língua materna.

Os principais desafios dos Xavantes é a questão de homologação e regularização de territórios, novas políticas educacionais que possam dar mais autonomia à escola indígena, políticas públicas que possam valorizar a cultura e a organização do povo. A saúde indígena está muito ruim, tem acontecido muitos óbitos do meu povo. A questão do alcoolismo nas aldeias precisa ser uma ação de saúde pública.

Nessa pesquisa, dialogar com os conhecedores da natureza local, os mais velhos da aldeia *Waradzuhi'ahö* (Nossa Senhora de Fátima/Terra Indígena São Marcos), sobre o conhecimento relacionado à caçada de fogo do povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante) é aprender para a vida.

Durante a minha pesquisa, descobri que existem formas de caçada tradicional de maneira diferente um do outro que os nossos ancestrais praticavam, seguiam com muito respeito e valorizavam as regras de caçada tradicionais.

A metodologia dessa pesquisa foi desenvolvida em duas fases previamente elaboradas, sendo a primeira de levantamento bibliográfico para nos ajudar a compreender o estudo que estamos desenvolvendo e segunda a pesquisa de campo, que envolve conversar com os consultores nativos locais, pois eles possuem saberes que precisam ser registrados para que as próximas gerações conheçam.

Conforme os relatos dos anciãos, nos tempos dos nossos antepassados, os Xavantes viviam unidos em determinado local, praticavam as práticas culturais completamente nus, inclusive a caçada de fogo.

Os índios Xavantes do cerrado são explicitamente caçadores e dependem dos animais silvestres para sua sobrevivência. Existem vários tipos de caçadas, como a caçada individual, a caçada comunitária e a caçada de casamento. O fogo possui importante valor cultural dentro dos Xavantes e as caçadas utilizando fogo fazem parte da tradição. (Manrique, 2002, p. 9).

Quando chegava o tempo da caçada, o tempo de seca, os mais velhos se reuniam em um local específico de encontro dos sábios "*Warã*", lá se reuniam todos

os dias, na parte da tarde, a partir das 17 horas, e de madrugada a partir das 4 horas para discutir sobre a questão de caçada de fogo. Assim, era feito o planejamento para os demais caçadores seguirem e conta-se que nunca deve se começar essa prática de caçada do lugar em que o sol nasce, e por onde vai a direção do vento para a habitação.

“Para os Xavantes, os sonhos servem na tomada de decisões da comunidade e existem os ‘sonhadores’ encarregados desta função” (Manrique, 2002, p. 9). Na cultura do meu povo, sempre existe na comunidade, até nos grupos formados, os encarregados dos grupos, que fazem olhares para o futuro por meio de seu sonho, onde observa tudo o que vai acontecer nos dias de amanhã. Esses são considerados sonhadores, e muitas vezes, as atividades são realizadas por ordens dos sonhadores.

Durante a caçada de fogo, na época da realização dessas atividades, os caçadores aguardam as orientações, a fala, até a indicação de um espaço a ser usado na caçada, pois somente o sonhador sabe onde conseguirão facilmente as caças.

1.2 A CULTURA DO POVO A’UWE ‘RÃPRÉ NA ESCOLA

Na atualidade, todos esses conhecimentos, saberes e fazeres do povo A’uwe ‘Rãpré estão sendo trabalhados na escola, porque isso faz parte da Educação Escolar Indígena do povo Xavante. O ensino sobre a cultura praticada pelos nossos antepassados se presencia na escola, no espaço de aprendizagem.

A aprendizagem sobre a cultura do povo Xavante está presente no currículo vivido na escola, o que era apenas presente na tradição oral, o ensino ágrafo, se transformando no ensino teórico e prático.

Para que ocorra uma relação entre a educação Xavante, que são os jeitos de saber e fazer do povo Xavante aprendidos em ensinados há muitas gerações, na escola, existe uma adequação respeitando a idade do aluno, dessa forma em relação às formas de caçada, os meninos apreendem ao cursar o Ensino Médio. Eles aprendem a teoria na sala de aula e na prática vão para o espaço da mata.

O ensino teórico sobre a caçada do fogo é realizado na sala de aula, com a presença do sábio local. Os sábios, considerados como intérpretes tracionais da escola, são convidados a falar para os alunos sobre a caçada do fogo, enquanto o professor utiliza o momento para transcrever no quadro de giz, em língua Xavante, a

história e as técnicas, os modos e maneiras sobre a caçada do fogo. Os alunos escutam as informações do sábio e fazem o registro em seu caderno. O professor trabalha essas atividades em sala de aula no primeiro semestre do ano letivo.

O Quadro a seguir apresenta parte da forma curricular que é apresentada a educação escolar indígena, quando o professor planeja as aulas acompanhados pelo sábio.

Quadro 1 – Cronograma Educação Xavante

Semestre	Bimestre	Bimestre	Conteúdo
1º	1º	Fevereiro a abril	- Conhecimentos das espécies de caças. - Caças consumidas pelo povo Xavante. - Caças não consumidas pelo povo Xavante. - Importância das caças.
		Abril a julho	- Caçadas para rituais. - Hábitos de caças. - Caças sagradas. - Tempo de caçadas.
2º	3º e 4º	Agosto a outubro	- Modo de fazer a caçada. - Relação com os fenômenos da natureza. - Práticas de caçadas. - Vivência dos caçadores. - Conhecimentos no espaço de caçada.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Na comunidade Xavante, o mecanismo de educação indígena está junto com a educação escolar indígena, assim é fortalecido o processo de aprendizagem do povo Xavante por meio da escola com a participação de toda a comunidade tanto nos ensinamentos tradicionais, quanto de ensino não indígena.

Na escola Xavante do tempo presente, a aprendizagem dos jovens além de ensino do currículo formal não indígena, o ensino da cultura do povo Xavante está presente, por isso, os conhecimentos, os saberes e fazeres estão sendo mantidos e colocados em prática.

O professor, ao realizar entrevista com sábios sobre as práticas culturais ancestrais, em especial sobre a caçada do fogo, desenvolve junto aos alunos formas de desenvolver a sustentabilidade familiar, pois essa atividade faz parte de fonte de sustentabilidade familiar.

Antigamente, antes do contato com o não indígena, na época dos nossos antepassados, as práticas de caçada de fogo eram muito diferentes de hoje, não usavam fogos artificiais feitos pelos homens brancos, como isqueiros, fósforos e outros para fazer fogo a serem utilizados na caçada, mas geravam fogos nas técnicas

tradicionais para depois todo os caçadores usarem chamada a 'Rébé', técnica mostra na Figura abaixo:

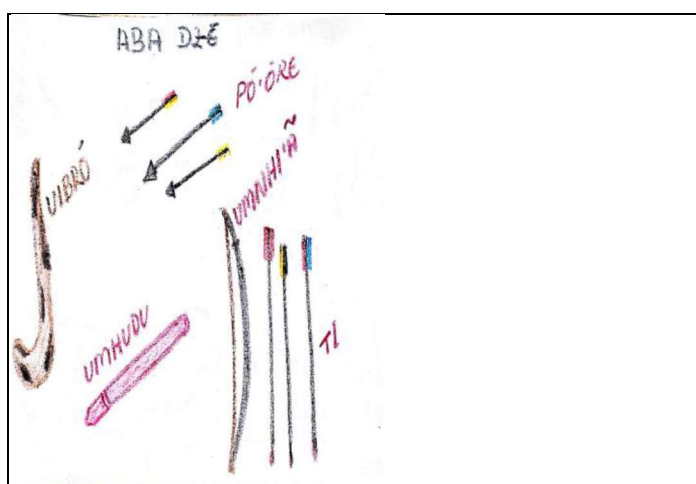
Figura 19 – Quadro da Funai/CR-Barra do Garças-MT



Fonte: Funai (2023).

Na caçada de fogo, a maioria dos caçadores usava armas de caçada tradicionais na época, como arcos e flechas específicas (*Umnhi'ã*, *Pó'óre*, *Ti*), bordunas (*Uibró*, *Umhudu*) e algumas outras madeiras resistentes.

Figura 20 – Artefatos usados na caçada com fogo na aldeia N.S. Fátima



Fonte: O autor (2024).

Cada grupo de caçadores, dependendo de suas habilidades na caçada, usa suas ferramentas de suas preferências, os bons de tiros na flecha, usam as flechas, assim também os mais rápidos nas atividades de campo, que usavam bordunas.

Sobre as técnicas específicas contadas pelo entrevistado, menciona que há divisão nas atividades dessas práticas, isto é, num local escolhido a ser realizadas a caçada de fogo, assim que os dois caçadores escolhidos comecem a botar fogo de forma circular, ao perceberem que o espaço usado na caçada de fogo ia se fechando, os caçadores com flecha caçam no meio de fogo.

É preciso dar sempre continuidade de cortar os espaços de caçada com fogo, para que as caças sejam cercadas com fogo rapidamente, para ter facilidade de achar as caças. A tarefa dos caçadores de bordunas (*Uibró, Umhudu*) é na beirada no espaço usado na caçada de fogo, procurando e esperando todas as caças que conseguem escapar dos caçadores da flecha.

Tradicionalmente, o espaço a ser usado na caçada de fogo é estudado e apresentado na oralidade pelos mais velhos, por meio de discurso aos mais novos caçadores. Os espaços, medidas e outras questões relacionadas à caça são apresentados pelos caçadores experientes.

Os espaços em torno da aldeia não são usados para a caçada de fogo, no mesmo ano e ou período. Os Xavantes classificam os espaços da caçada de fogo pensando e preservando os biomas de um território onde ocupam. Num período de caçada de fogo, os espaços são escolhidos pelos responsáveis do grupo, aqueles que sonham, e pensam sobre o dia de amanhã, e todas as consequências do futuro, então, o que os grandes sonhadores falam é valorizado e respeitado.

Os espaços escolhidos por eles são usados nas caçadas de fogo, atualmente, utilizamos e consideramos as classificações dos espaços, a ciência do não indígenas, como os pontos cardeais Leste, Oeste, Norte e Sul. Se um lugar for escolhido, seja no Oeste, somente esse espaço é usado na caçada de fogo, o espaço intenso existente no nosso território, tudo é dividido pelos córregos.

No caso do território da minha comunidade, no Oeste, o espaço é dividido em oito partes. Os espaços são divididos nos córregos a serem usados na caçada de fogo, após a decisão dos sábios, e somente esse lugar é usado na caçada. Sabendo o início e o fim, essa prática de caçada tem o seu controle, pela ciência tradicional do povo, tudo é marcado, o início e fim, onde parar. Essa é a maneira de usar as práticas de caçada de fogo do povo Xavante pelo cuidado com a recuperação florestal e com o meio ambiente.

Ao seguir as orientações dos sábios, a caçada do fogo funciona como vitalizadora do espaço ambiental, sendo controlada, respeitando as regras e o espaço demarcados, para seu início e término.

Antes do pôr do sol, assim que diminuir as fumaças e chama do fogo, ou seja, depois de queimar todo o espaço escolhido para a caçada, todos os Xavantes que foram para a caçada se reúnem em um lugar escolhido para o reencontro. Nesse lugar eles levam tudo o que conseguem, não escondem nada de ninguém. Antes de voltar para casa, começam a repartir as caças, ou fazer trocas conforme as leis tradicionais do nosso povo, pois as trocas de caças são realizadas por clãs.

As trocas acontecem da seguinte forma: os dois clãs *Öwawẽ* e *Pó'redza'õno* se consideram como *Tsi'ré'wa* que quer dizer companheiro. Isso significa que tudo o que os grupos do clã *Öwawẽ* consegue durante a caçada, pertencerá ao grupo do clã *Pó'redza'õno*, assim como tudo que o grupo do clã *Pó'redza'õno* consegue na caçada pertencerá ao grupo de clã *Öwawẽ*. Existe uma troca de caças entre os clãs.

Conforme as organizações tradicionais, tem vez que as caçadas de fogo são usadas para alguma finalidade específica na cultura, como o casamento Xavante e outros diversos rituais que se realizam e que dependem da carne de caça. A realização de caçada de fogo para o casamento tradicional é feita pela tomada de decisão de familiares do noivo, principalmente o pai. Para realizar essa atividade tradicional, assim que o pai do noivo perceber que a noiva está com a idade para casar, ele reúne suas famílias para discutirem a questão de casamento do filho. Concordando entre si, começam a preparar armas tradicionais e alimentos a serem consumidos durante a caçada, pois sabem que os amigos da família irão acompanhar ajudando na caçada. Geralmente, essa caçada para o casamento é realizada de tempo indeterminado para a volta dos caçadores a aldeia, eles voltam quando têm a quantidade exata de carne de caça para a realização de casamento.

Para essa realização de rituais, a caçada se realiza de forma coletiva e de grupos, não é toda vez que se realiza em conjunto, há caçadas específicas que vários grupos realizam.

É dessa maneira que os nossos antepassados se relacionavam entre si com muito carinho durante a caçada de fogo, respeito e valorizando os conhecimentos, a sabedoria e a organização social do povo Xavante.

2. A CAÇADA DO POVO A'UWĚ UPTABI (XAVANTE)

Este capítulo que tem como objetivo apresentar a composição da *Caçada* de Fogo do Povo A'uwě Uptabi (Xavante). Sua escrita ocorreu na aldeia, tendo como referências os sábios locais, que acompanharam minha experiência de pesquisa de coleta de relatos dos conhecedores da cultura e da natureza. A minha pesquisa foi realizada como os “livros vivos tradicionais em oralidade”, os sábios Xavantes, pois história do povo Xavante está na memória do nossos anciões.

Para a escrita desse capítulo, utilizei o conhecimento guardado na memória dos senhores Luiz Duptuwě e Desiderio Êtëro'owe, que são conhecedores da “Caçada do Fogo” e vivem na aldeia Nossa Senhora de Fátima (*Waradzuhi'ahö*), na Terra Indígena São Marcos, município de Barra do Garças/MT.

O senhor Luiz Duptuwě, quando deu a entrevista, tinha 97 anos de idade, sendo procedente do território Xavante de Pimentel Barbosa. Lá viveu a maior parte de sua vida, de criança até a vida adulta, viveu antes do contato com os colonizadores.

Luiz Duptuwě faleceu em 2024, era uma fonte viva da história da comunidade da aldeia onde moro e foi um pensante para a fundação da aldeia na qual resido. Contava história dos nossos antepassados para os grupos existentes, na comunidade da aldeia e na escola, e sua presença nos nossos processos de aprendizagem, que está ativo, ainda persiste, pois mesmo não enxergando mais, ainda lembrava muitas histórias antigas.

Figura 21 – Luiz Duptuwẽ



Fonte: Acervo do autor (2024).

O senhor Desiderio Êtẽro'owe, 89 anos de idade, *também* é residente na aldeia Nossa Senhora de Fátima, porém nasceu na Terra Indígena Pimentel Barbosa. Nasceu antes do contato do não indígena e passou sua vida de infância naquele território. Ao crescer, veio para a Terra Indígena São Marcos, onde realizou sua passagem de vida de adolescência para a vida adulta.

Figura 22 – Desiderio Êtêro'owe



Fonte: Acervo do autor (2024).

No território indígena de São Marcos, é considerado como doutor de treinamento de campo, orientador de todas as atividades culturais dos homens na comunidade da aldeia e na escola, sendo participativo no processo de aprendizagem dos homens Xavantes.

Figura 23 – Entrevista com consultor nativo Desidério, da aldeia N.S. de Fátima



Fonte: Acervo do autor – Pesquisa de campo (2023).

2.1 DUTSU (CAÇADA DE FOGO) DO POVO A'UWĒ 'RÃPRÉ (XAVANTE)

É uma caçada de fogo realizada e praticada de forma coletiva. Ela é constantemente passada pelos nossos ancestrais às novas gerações. A caçada de fogo é uma prática em forma de círculo. O círculo é a forma como os homens Xavantes encontram para cercar a caça de qualquer espécie.

Esse tipo de caçada só é realizado quando a natureza permite, pois aparecem os sinais do fenômeno da natureza. Ao amanhecer, na madrugada, quando constelação na língua Xavante “*Tsiruru*” for vista pouco distante de onde aparece. A constelação que sempre aparece no leste, onde o sol nasce.

Para a caçada do fogo, o vento precisa soprar de leste em direção a oeste, pois esse tipo de conhecimento da caçada de fogo faz parte de fonte de sustentabilidade familiar. Essa atividade cultural só é realizada em coletivo.

De acordo com o relato coletado dos anciãos entrevistados, eles contam que essas atividades culturais do povo Xavante só são realizadas pelos homens, mas também existe participação específica das mulheres dentro da casa, nas questões de preparação das necessidades dos homens para a caçada.

No dia de caçada, as mulheres organizam alguns itens para os homens levarem, como: as cestas, cordinhas, bolo tradicional de milho, de mandioca. Elas também preparam o urucum para a pintura corporal.

Enquanto os homens estão na caçada, as mulheres tomam conta e cuidam da casa, da família, principalmente nos cuidados dos filhos pequenos. As mulheres ficam atentas em tudo, vão observando a cada dia a redução da fumaça do espaço onde está sendo realizada a caçada. Amenizando a fumaça, indica que os caçadores estão voltando. Nesse período, elas preparam a lenha para fazer a preparação dos alimentos que irão chegar. Elas também começam a preparar os alimentos preferidos de seus maridos que estão retornando da caçada de fogo.

Quando os caçadores retornam com a caça, o trabalho de preparo da alimentação fica na responsabilidade das mulheres. Elas cuidam, preparam e repartem para a família e para os anciãos e anciãs, quando recebem a visita deles.

A caçada não é uma atividade para as mulheres, porque os Xavantes consideram ser uma atividade pesada e mais corrida para as mulheres praticarem. Porém, conforme narra um dos sábios, existia outra forma de caçada com a participação das mulheres, conhecida pelo povo Xavante como “*Dzömor*”.

Nessa atividade, alguns dos caçadores costumam caçar sem água e com pouquíssima comida. Dizem que alguns produtos levados acabavam atrapalhando no decorrer de tempo de caçada e por conta de alguns fatores que ocorriam nos tempos dos nossos antepassados, antigamente, no decorrer da caçada de fogo, ocorriam conflitos com inimigos de outras etnias.

Passados os anos, na atividade de caçada de fogo, não se usa mais, somente com arcos, flechas e ou bordunas. Após o contato com os não indígenas (*Waradzu/Tsi'uróbó/Tsiróma*), a prática de caçadas de fogo não mudou completamente, mas sim incluiu o uso de arma de fogo.

Após o contato com o não indígena, o meu povo, do meu território, não usa mais na caçada somente as armas tradicionais, usam as armas de fogo de vários tipos, como armas de fogo de calibre 22, carabina calibre 38 e 44 e outros tipos de armas.

O uso da arma de fogo, como nova técnica de caçada, trouxe algumas preocupações, alguns riscos, mas, por outro lado, tem contribuído para a realização da caçada. O uso da arma de fogo acelera o abate dos animais, ampliando a quantidade de caça, o que favorece a população Xavante.

Na caçada de fogo, nem todos os tipos de animais são abatidos pelos caçadores Xavantes. São permitidos abater durante a caçada apenas os animais consumidos pelo meu povo como: a anta (*uhödö*), queixada (*uhö*), cateto (*uhöre*), tamanduá (*padi*), michila (*patire*), quati (*wa'ö*), veado mateiro, quati (*wa'ö*), veado mateiro (*póné*), veado do campo (*aihö*) e cotia (*dzöhuru*).

Alguns animais não fazem parte da dieta do povo Xavante, como: raposa, jacaré, lobo-guará, macaco, onça, jaguatirica, *tsinho'redza'a*, irara (*bubuire*) e outros. Esses não são abatidos com a caçada do fogo.

Os animais, após abatidos e levados para casa, tradicionalmente eram assados, segundo os anciãos, e o preparo evitava que a carne apodrecesse, porém, com a chegada da energia elétrica na aldeia, algumas residências têm geladeiras e congeladores, então os animais são armazenados crus nesses equipamentos para serem consumidos quando for necessário.

2.2 DUTSU (CAÇADA DE FOGO): CONHECIMENTO

Na cultura do povo Xavante, os ensinamentos sobre a caçada de fogo são realizados de forma oral. Os homens crescem aprendendo em cada fase de vida os ensinamentos realizados pelos anciãos, principalmente pelos grupos responsáveis para cada fase. A aprendizagem acontece na oralidade, porém agora com os novos pesquisadores indígenas, muito conhecimento já está registrado.

Para praticar essa atividade tradicional do povo Xavante, a caçada de fogo se inicia com o acompanhamento de ensino dos mais velhos, isso é educação Xavante. É muito importante ter conhecimento básico antes de iniciar a praticar sobre os modos, a forma e a maneira de fazer. Os mais velhos, ou os mais experientes, contam, orientam e ensinam todos os modos, as maneiras de como se faz a caçada de fogo, formas de caçadas, a importância de uso de espaço, localizações, posições astronômicas, trajetórias a serem realizadas no decorrer de caçada, hábitos de caça, repartição de caça, relações entre caçadores, classificação dos caçadores, clãs e tratamento tradicional do próprio povo Xavante.

Quando o caçador está caçando, ele precisa ter conhecimento da localização dos seus companheiros de caça, para tanto ele usa sinais de comunicação específicos, idiofones, que no caso dos Xavantes é a comunicação por grito. Ao encontrar um *uhö* (queixada), costuma usar a comunicação por grito, ou seja, informando que os alvos estão próximos, da seguinte forma: “*Kai! Kai! Kaaaaiiii!*”, o caçador repete o grito até os companheiros chegarem. Ao conseguir matar uma anta, chama os companheiros da seguinte forma: “*Kaaaaaaaaaiiiiiiiiiiii! Kaaaaaaaaaiiiiiiiiiiii! Kaaaaaaaaaiiiiiiiiiiii!*” e os companheiros respondem que estão chegando/estão indo à sua direção: *Kaaai! Kaaai! Kaaai!* Ao avistar um estranho durante a caçada, ou seja, um inimigo ou grupo que está sendo atacado: “*Kai! Kai! Kai! Kai! Kaaaai!*”.

É preciso saber lidar com os fenômenos da natureza, isto é, ter contato com a natureza, pois, para o Xavante, todos os elementos da natureza se relacionam com o homem. Ter conhecimento de cada divisão de espaço onde vai realizar as atividades de caçadas, pois o uso de fogo é limitado e deve-se saber corretamente onde começar a pôr fogo e onde parar com a queimada.

O uso do fogo pelo povo Xavante para realizar a caçada é realizado após estudos nos espaços a serem utilizados para a caçada. Os caçadores usam o fogo, sabendo de onde começar e por onde parar. Os conhecedores da natureza escolhem um lugar preservando outros espaços para não pegar fogo. Antes do fogo ser posto em determinado local, o espaço é visitado, tem sempre um conhecimento geográfico da totalidade do espaço. Os conhecedores da natureza observam, classificam e separam os espaços de rios e córregos, então, por meio dessas classificações dividem e escolhem os lugares a cada ano a serem utilizados na caçada de fogo. Os outros lugares são preservados para serem utilizados em outro tempo de seca. Os espaços são separados pelos pontos cardeais: norte, sul, leste ou oeste da aldeia.

Mesmo evitando que o fogo se alastre para as terras das nossas vizinhanças, os proprietários rurais que ficam em torno do nosso território jogam culpa das queimadas nos Xavantes. Quando existe queimadas não controladas nas terras dos não indígenas, sem saber como começou a queimada, eles denunciam o fato sempre às autoridades competentes, cobrando na Coordenação Regional Xavante/Funai local que tomem alguma providência junto aos Xavantes.

O povo Xavante sempre foi guardião da natureza e a grande preocupação que o meu povo tem com a questão ambiental é com o espaço onde situamos, que está sendo cercado cada vez mais pela ação humana da sociedade não indígena, com grandes lavouras mecanizadas e uso de agrotóxico e na produção de gado. A natureza está piorando a cada ano que passa, os rios que cortam o nosso território estão secando, o ar que respiramos está poluído, a mata está acabando, isso tem chamado muita a atenção do nosso povo.

2.3 *DUTSU* (CAÇADA DE FOGO): TÉCNICAS

As práticas de caçadas são ensinadas para os mais novos praticando, acompanhados e orientados pelos mais experientes, transmitindo os conhecimentos, saberes e a importância das práticas de caçadas, pois é uma das tarefas muito difíceis e mais arriscadas.

No ensino das técnicas de caçada, abrange os modos, métodos e as maneiras de como se faz a caçada, as organizações dos corpos de caçadores, utilizações de conhecimentos nos espaços, as formas de caçadas, responsabilidades durante a caçada, classificações por grupos, pessoas importantes na caçada, como começa a caçada de fogo, quem começa, quem escolhe para iniciar a caçada de fogo.

Figura 24 – *Dutsui Watsu'u* - Ensino tradicional de Caçada de Fogo



Fonte: Acervo do autor (2023).

Na pesquisa perguntamos sobre quais as técnicas são ensinadas pelos mais velhos, para que os mais jovens tenham saberes e não somente conheçam sobre o assunto.

Os anciãos, professores da educação Xavante, nos informaram, o que permitiu a realização do Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Técnicas ensinadas pelos sábios Xavantes – Caçada do Fogo

Nº	Habilidades a serem desenvolvidas
1	Ter conhecimento nos campos de realização de caçadas de fogo.
2	Conhecimentos das práticas de idiofone (Comunicação por grito).
3	Conhecimentos relacionados a fenômeno da natureza.
4	Localização dos companheiros.
5	Resistência nos espaços de realização de caçada de fogo.
6	Ter poder espiritual na natureza.
7	Conhecimentos nas valorizações das regras de caçada de fogo.
8	Conhecimentos nas classificações de caças.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

2.4 EDUCAÇÃO PARA A CAÇADA

Entre o povo Xavante, existe uma forma de educação específica dos caçadores, usados no decorrer da caçada, diferente da educação tradicional comum. Isso também é ensinado para praticantes mais novos. Nas práticas, aprendem observando a forma como os caçadores mais experientes fazem durante as atividades de campo.

Os caçadores devem respeitar os conhecimentos e a sabedoria dos mais velhos e devem seguir algumas orientações, como:

- São obrigados a levar as caças encontradas pelos mais velhos a um local escolhido para os reencontros dos caçadores. Nesse local, todos os caçadores, ao final da caçada, chegarão.

- Se faltar água, devem buscar a água onde encontrar para saciar a sede de todos.

- Fazer fogo para chamuscar as caças abatidas. Esse processo de remoção dos pelos de um animal é método tradicional usado para eliminar os pelos remanescentes de animais. A chama ajuda a queimar os pelos, facilitando a limpeza da pele antes do preparo.

- Arrumar as folhas de buriti para confeccionar a cesta descartável, caso seja necessário.

- Se um caçador não retornar para o local do reencontro, devem procurá-lo, usando o grito específico.

- Saber a forma de repartir as caças, isto é, todas caças conquistadas pelos clãs Öwawẽ são pertencentes do clã Po'redza'õno, assim também as caças conquistadas pelos clãs Po'redza'õno são dos clãs Öwawẽ e vice-versa.

- Ao sair de campo das atividades, os mais novos levam as cestas de carne de caça para os mais velhos.

Essa é uma das partes de ciências do povo Xavante usadas e praticadas pelos caçadores, sendo usados desde os tempos dos nossos antepassados até hoje, respeitando as regras da caçada, valorizando e fortalecendo conhecimentos tradicionais praticados nos nossos espaços de aprendizagens.

Atualmente, na sociedade da Terra Indígena São Marcos (*Ėtẽho'reprẽ*), a qual pertença e onde participo das práticas culturais, venho observando no decorrer dos

anos que nessas atividades de caçada de fogo, que os grupos de caçadores não estão caçando mais como os nossos ancestrais caçavam, pois eles anteriormente saíam a pé e caminhavam para um lugar escolhido para caçada. Nos tempos atuais, os caçadores saem para caçar usando automóveis, como caminhão, camionetes e motos.

Na atualidade, a metade dos caçadores usa novos instrumentos na caçada, diferente das que os nossos ancestrais usavam, isto é, a arma de fogo de vários tipos, como calibre 22, 32, 38 e 44. Já a outra metade do grupo mantém o uso de instrumentos de caçada como a arco e flecha, específicos para caçada e borduna, não deixando isso de lado, pois seguem os conhecimentos de nossos ancestrais, valorizando a forma de realização da caçada de fogo com a participação dos conhecedores da natureza que orientam os novatos nas práticas de caçada.

2.5 O CASAMENTO DO POVO A'UWĒ 'RĀPRÉ (XAVANTE) E A CAÇADA

Na maioria das vezes, a realização do casamento do meu povo se realiza por meio da caçada coletiva com fogo e sem fogo, dependendo das decisões da família do noivo e da noiva, então, a caçada se relaciona muito com o casamento.

O casamento do povo A'uwē 'Rāpré é dividido em fases, conforme se descreve a seguir.

2.5.1 *Itsāna'rada* (Início)

A princípio, o futuro genro é escolhido por um responsável da família, quando o pai e a mãe de uma moça querem ter um genro no futuro, então, marcam o dia com o pai de moço para tratarem sobre a escolha, buscando o acordo na questão.

2.5.2 *Da'u'ö* (Demonstração)

Após a combinação entre o pai e a mãe do noivo e a noiva, a mãe de moça prepara o bolo tradicional, demonstrando para o público que a filha está prometida. Geralmente, na cultura do meu povo Xavante, isso acontece muito, a escolha do

noivo, e da noiva crescem comprometidos até se tornarem adultos, ou seja, até o noivo passar todas as fases da vida, que é o processo de transformação da vida de criança à idade certa para o casamento que nós Xavantes seguimos dos nossos antepassados.

2.5.3 Damrõ (Casamento)

Ao passar de todas as fases de vida, chegando à fase vida de '*Ritéi'wa* (moço), aqueles grupos que usam pauzinho na orelha, ou seja, que já se tornaram homens, recebem liberdade para participar da vida em público, tradicionalmente é o momento de receber liberdade para casar quando preferir.

Para serem reconhecida como o casal, fica na responsabilidade da família do noivo, o pai do noivo reúne toda família, marca o dia para a realização de caçada de casamento, muitas vezes, essa atividade cultural se realiza muito no período da seca, caçada com fogo.

Os caçadores da família do noivo saem no campo em busca da caça, acompanhados por amigos ou companheiros. Atingindo a quantidade certa da caça, retornam à aldeia e chegando à aldeia o noivo carrega a cesta maior, cheia de carne da caça, do centro da aldeia até a casa da noiva. O público observa a realização do casamento e terminando a atividade do grupo de caçadores, os noivos são considerados como o casal.

3. ESCOLARIZAÇÃO NÃO INDÍGENA DO POVO XAVANTE

3.1. O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO POVO XAVANTE

O povo Xavante, por ocupar territórios relativamente distantes um dos outros, tiveram contato com a sociedade não indígena em temporalidades distintas, especificamente os moradores da Terra Indígena São Marcos, que tiveram um contato mais próximo com a sociedade do não indígena no ano de 1958, pelos missionários salesianos. Após o contato, os Xavantes da TI São Marcos viviam com a comunidade indígena de Boe Bororo de Meruri, comunidades indígenas que atualmente vivem mais próximas da comunidade da qual faço parte, terra indígena São Marcos.

Com o passar de tempo de vivência, os missionários observavam que os Xavantes com os Bororos não se relacionavam bem, pois os missionários não sabiam que as comunidades indígenas têm suas culturas e línguas diferentes e que nenhum deles não havia mínima possibilidade de dominar a cultura.

Por conta da impossibilidade de viver junto na mesma missão e no mesmo espaço, os missionários resolveram entre si para que um grupo de missionários saísse e ficasse com a comunidade Xavante. Tomando essa decisão, um grupo de missionários foi com os Xavantes para a terra indígena São Marcos, acompanhados por alguns dos missionários salesianos, e foi assim que se formou a sociedade unida de Xavante de São Marcos e a missão dos missionários salesianos se constituiu nos anos de 1958.

No início dos anos de 1958, após a fundação de aldeia São Marcos, teve início o ensino e aprendizagem na escola, um ambiente de alfabetização, ou seja, o espaço específico onde as pessoas envolvidas aprendiam a ler e a escrever dentro das quatro paredes da sala de aula. A princípio a atividade dos missionários era catequisar, eles catequisavam e alfabetizavam para catequisar e ensinar as práticas da cultura de não índio, que era muito diferente da nossa. Os missionários salesianos praticavam o ensino do modo que eles pensavam, da maneira que eles vivenciavam em sua cultura e não ligavam para a nossa educação tradicional, a educação Xavante. Os saberes Xavante não eram valorizados.

Após um tempo de convivência com meu povo Xavante, na terra indígena São Marcos, os missionários salesianos que eram responsáveis pelo ensino e

aprendizagem da escola da aldeia, começaram a perceber que já havia a educação Xavante, uma forma própria de aprendizagem diferente do ensino não indígena, e, com o tempo, os Xavantes começaram a ter o domínio da língua portuguesa e a perceber que o ensino dos missionários salesianos era distante da realidade do meu povo.

Percebendo as diferenciações das duas formas de ensino, entre ensino tradicional do povo Xavante e do currículo oficial do não indígena, começaram a formar o corpo de intérprete na escola, conhecido e considerado na época como monitores de sala de aula, onde os princípios de avanço do meu povo Xavante foram instituídos na comunidade, ou seja, na aldeia São Marcos, terra indígena São Marcos, e essa aldeia era única nesse território, era uma aldeia muito grande.

Um dos aspectos importantes para a mudança na escola indígena foram os salesianos modificarem sua forma de ensinar, antes baseada em uma estrutura educacional tradicional, com a aprendizagem centrada no professor e posteriormente se preocuparem em como a criança Xavante poderia aprender melhor. Dessa forma, foi instituída a figura do monitor e ou do intérprete. Os monitores/intérpretes indígenas dominavam a língua Xavante e a língua portuguesa.

O papel do intérprete junto aos alunos da educação escolar possibilitou o ensino acontecer de forma bilíngue, na língua portuguesa e na língua materna. A língua Xavante começava a ser valorizada na escola, pois antes ela era invisibilizada.

Os mais velhos contam que a aprendizagem, no início do processo de escolarização, realizado pelos missionários, era construída tendo como referência os castigos físicos, pois o aluno indígena que não obedecesse recebia castigos físicos dentro da sala de aula.

Como os pais não tinham o entendimento das normas educacionais, todos concordavam e respeitavam os castigos recebidos pelos educandos e ainda achavam que era justo esse tipo de prática no ambiente de ensino. Esse tipo de ensino trabalhado na época pelos missionários salesianos foi utilizado até a 4ª série do 1º grau.

Com o tempo, as práticas tradicionais de educação não indígena foram sendo substituídas e os professores indígenas começaram a assumir o espaço na escola como professores, porém, devemos também considerar que a luta dos missionários salesianos na educação do meu povo Xavante da terra indígena São Marcos teve sucesso, pois houve resultados positivos no avanço ao conhecimento de mundo

global, em especial após a orientação dos intérpretes Xavante. Essas experiências valorizaram a escola e o número de Xavantes professores e alunos cresceu e hoje a luta é para a manutenção da cultura, para que o povo Xavante possa estar em sintonia com as novas tecnologias, porém sempre fortes para resistirem como Xavante.

Hoje a escola indígena busca construir um currículo que insere a cultura e a vida Xavante, portanto, a Caçada de Fogo, como objeto de conhecimento escolar, passa a contribuir para o fortalecimento da identidade, da forma de viver Xavante, entendendo que a cultura é continuamente influenciada por novas tecnologias, se constituindo híbrida, mas não perde a essência da vida ancestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antigamente, os nossos ancestrais costumavam caçar nus e descalços, não usavam arma de fogo, só usavam arco e flecha específico para a caçada e a borduna. Ao chegar o tempo de seca, a partir do mês de agosto até setembro, os nossos ancestrais começavam a se organizar por meio de diálogos no *Warã* (lugar sagrado onde se encontram os conhecedores da natureza) para discutirem sobre assuntos mais importantes da comunidade. Mas tudo isso mudou em nossa comunidade e justamente esta é a importância dessa pesquisa, que esperamos possa contribuir com o entendimento dessas mudanças.

Essa dissertação apresenta a importância de o professor trabalhar para fortalecer o conhecimento sobre Caçada de Fogo, para que os alunos entendam as modificações que ocorreram ao longo de sua realização. A caçada realizada pelos Xavantes em outros tempos e como tem se realizado atualmente, com o uso de tecnologias do tempo presente.

Antes, com vestimentas tradicionais, pinturas corporais específicas, bordunas, arco e flechas, hoje, as técnicas tradicionais da caçada se repetem, porém, o caçador usa roupas e calçados fabricados pelo não indígena, usam fogos de artifício, se movimentam com automóveis, usam armas de fogos de vários tipos, de cano longo e curto.

O povo Xavante é criticado pela caçada de fogo pelo não indígena, como responsável por colocar fogo no Cerrado, porém, o fogo que colocamos é controlado, tem objetivo para não impactar nas outras áreas, não pertence ao povo Xavante.

O resultado dessa pesquisa traz possibilidade de incentivar ainda mais a inserção desse componente no currículo das escolas da terra indígena onde está a Terra Indígena São Marcos, Município de Barra do Garças/MT, principalmente na aldeia onde moro e atuo como educador, pois se trata do fortalecimento de conhecimentos que podem ser repassados de geração em geração, fortalecendo e valorizando a cultura de meu povo.

Considero que o ensino e a aprendizagem relacionados à Caçada de Fogo do povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante), na Escola Estadual Indígena Ulisses Guimarães, podem contribuir para os mais jovens Xavantes conhecerem suas tradições.

REFERÊNCIAS

Narradores

DUPTUWÊ, Luiz. **História do povo A'uwẽ Uptabi**. (Fonte Oral). Saberes A'uwẽ Uptabi. Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

ETERO'OWÊ, Desidério. **Caçada de fogo do povo A'uwẽ Uptabi**. (Fonte Oral). Saberes A'uwẽ Uptabi. Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

BOAVENTURA, Tserewamariwe Tserewawa. **Caçada de fogo do povo A'uwẽ Uptabi**. (Fonte Oral). Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

Referências

GOMIDE, Maria Lucia Cereda. **Território no mundo A'uwe Xavante**. Disponível em:
<https://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/6888/img-1.png>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LACHNITT, Georg. **Damreme`uwaimramidzé**: estudos sistemáticos e comparativos de Gramática Xavante. 2. ed. Campo Grande: MSMT/UCDB, 1999.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Aspectos da Fonologia Xavante. Nasalidade e Rinoglotalia**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SILVA, Aracy Lopes da. **A temática indígena em sala de aula**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília, DF: MEC, 1995.

SILVA, Luiton Sebastião Lebre Pouso da. Os Xavante e sua história pelo olhar dos Salesianos Bartolomeo Giaccaria e Adalberto Heide. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CÂMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÉ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



TIAGO TSEREWATAWE TSITEDZE

**A CAÇADA DE FOGO DO POVO A'UWÊ 'RÃPRÉ (XAVANTE):
NA VIDA E NA ESCOLA**

PRODUTO EDUCACIONAL

AULA OFICINA



Desenho de Mateus Tsi'aiwe Tseredzérépe

Orientador Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

APRESENTAÇÃO

O produto educacional – Aula oficina – tem como objetivo evidenciar o trabalho com a cultura do povo Xavante, nesse caso a “Caçada de Fogo” tendo como metodologia de ensino a efetiva participação dos alunos junto aos anciãos, as pessoas mais sábias sobre o assunto.

A proposta é evidenciar diferentes possibilidades de abordar a questão para o ensino da língua Xavante e outros aspectos significativos da cultura indígena. Ao realizar uma aula oficina o professor media e orienta as atividades práticas, os participantes experimentam e trocam experiências ao realizar a reflexão coletiva sobre o que estão aprendendo.

As atividades foram realizadas com os alunos da Escola Estadual Indígena Ulisses Guimarães na Aldeia Nossa Senhora de Fátima – Terra Indígena São Marcos no município de Barra do Garças – MT, onde atuo como professor.

Neste produto educacional apresento um relatório de atividades realizadas com os alunos na escola indígena e propostas de atividades, colocando em prática a temática pesquisada na dissertação de mestrado “A caçada de fogo do povo A’uwẽ ‘rãpré (Xavante): na vida e na escola”.

1. CAÇADA DE FOGO DO POVO A'UWË 'RÃPRÉ – XAVANTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A aula-oficina foi elaborada a partir da temática “Caçada de Fogo do Povo A'uwë 'Rãpré – Xavante”, utilizando coletas de dados históricos fundamentados nos registros transcritos das entrevistas sobre os conhecimentos valiosos de nossa ancestralidade, transmitidos desde os nossos antepassados. A aula representa uma oportunidade de registrar saberes que, até então, permaneciam apenas no nível da cultura oral. A pesquisa, e, posteriormente, o seu ensino constitui uma forma de documentar os conhecimentos praticados pela maioria de nós, do povo A'uwë 'Rãpré (Xavante).

De acordo com o relato do entrevistado, o ancião Boaventura Tserewamariwe Tserewawa conta que, nos tempos dos nossos antepassados, a caçada de fogo era realizada de forma coletiva. Assim que o tempo seco se aproximava, os sinais começavam a aparecer no território onde viviam — fossem eles mudanças climáticas, fenômenos naturais ou até sinais astronômicos. Quando esses sinais surgiam, os anciãos iniciavam discussões no Warã, o lugar sagrado dos sábios.

Nesse espaço, eles planejavam cuidadosamente a prática da caçada de fogo: escolhiam os locais por onde começariam, ordenavam que todos preparassem suas armas tradicionais e organizavam os grupos de caçadores experientes, incluindo também os novatos.

Figura 01: Dutsu (Caçada de Fogo)



Fonte: Acervo do autor.

1.1 Transmissão Oral dos Saberes da Caçada de Fogo

Procedimentos e Técnicas Tradicionais

- Ensino oral sobre os modos, maneiras e técnicas da caçada de fogo.
- Explicação detalhada das ferramentas e estratégias utilizadas.

Normas Coletivas da Caçada

- Regras que regem a participação comunitária.
- Condutas permitidas e proibidas durante a prática.

Deveres dos Caçadores

- Responsabilidades individuais e coletivas.
- Papel de cada membro dentro do grupo.

Etapas e Realização da Caçada

- Sequência prática: preparação, execução e encerramento.
- Distribuição de tarefas no momento da ação.

Atenção Plena e Observação

- Desenvolvimento do “olhar atento” a cada segundo.
- Leitura dos sinais da paisagem e do comportamento animal.

Posicionamento Estratégico

- Orientação do posicionamento corporal dos caçadores e companheiros.
- Coordenação entre os grupos durante a movimentação.

Contato com a Natureza

- Relação com o Cerrado.

Comunicação por Sinais e Gritos

- Ensino da linguagem sonora utilizada durante a caçada.
- Gritos como forma de comando, alerta e orientação

1.2 A preparação da Caçada de Fogo

O conhecedor da natureza relata o processo de realização das atividades culturais relacionadas à caçada de fogo. Com a chegada do tempo seco, atualmente acompanhado pelo calendário civil, entre os meses de julho e

setembro, os Xavante reconhecem esse período como o "Dutsu dzé", o tempo da caçada de fogo.

Durante esse período, os caçadores se reúnem para ouvir os planos dos mais velhos, que coordenam a realização das práticas tradicionais. Trata-se de um dos momentos mais esperados pela comunidade, por ser a época considerada mais propícia para a abundância da caça e a vivência dos saberes culturais.

Figura 02: Planejamento de Caçada



Fonte: Tiago Tsitedzé/Fátima/2023

Ao tomarem conhecimento dos planejamentos dos anciãos para a caçada de fogo, os caçadores se organizam coletivamente para as atividades culturais. Cada grupo, conforme seu clã, se reúne separadamente. Tradicionalmente, um membro de cada clã é escolhido para iniciar a ação, por ser considerado mais ágil nas atividades de campo.

Os representantes desses clãs escolhidos iniciam o fogo em formato de círculo, avançando até um ponto previamente definido, onde os dois caçadores mais velozes se encontram.

Enquanto isso, a maioria dos demais caçadores se posiciona estrategicamente para cercar os espaços atingidos pelo fogo, ocupando regiões onde as presas costumam se abrigar antes da queima. Esses locais incluem: Tsapudu, Amhu, Tsōwi, Tsipti, Utsiró, Um'rātādzá'idi, Uiwede Nhipti e Tsinõ.

Figura 03: Da'uptsāna (Formação de grupo de caçador)



Fonte: Tiago Tsitedzé/Fátima/2023

2. A PRÁTICA DA AULA OFICINA

O processo de aprendizagem sobre a Caçada de Fogo do povo A'uwẽ (Xavante) deve ser integrado ao calendário escolar, sendo ensinado ao longo do ano letivo, em cada bimestre, com o acompanhamento dos anciãos que tradicionalmente realizam essa prática. Essa integração visa fortalecer o trabalho dos profissionais da educação que lecionam para todas as turmas do ensino médio, promovendo a valorização dos saberes tradicionais. Os alunos dessas turmas, segundo os critérios da educação Xavante, encontram-se na idade apropriada para vivenciar e praticar esse conhecimento ancestral, unindo teoria e prática em um processo de formação cultural e comunitária.

2.1 O Ensino de aprendizagem teórico na sala de aula

No primeiro momento do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula com os alunos do Ensino Médio, foi desenvolvida uma aula teórica com foco introdutório na temática da Caçada de Fogo. Nessa etapa inicial, foram apresentados os principais procedimentos relacionados à realização da caçada, destacando as atividades culturais do povo Xavante fora do ambiente escolar.

1. Quadro de conteúdos ministrados

Título:	Conteúdo Ministrado:
- Dutsu	- Unhama na aba; - Tsimitsutu aba; - Itsadaihu; - I'manhari dzé; - Róbdzadaihu.
Ró aba dzé	- Waró; - Ró wa'õto mono; - Tsipti mono.
Dutsu dzé	Wahu wa'õno: - A'ëta: amnho tepe dzé; - Wahu; Dutsu dzé; - Róbró: Róbdzuri dzé.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 04: Aula teórica da caçada de fogo



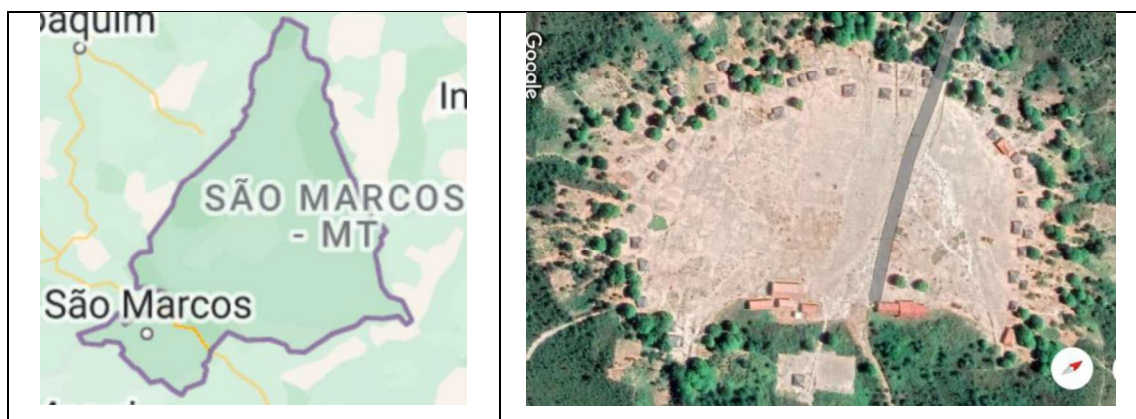
Fonte: Félix Tseredzatsi/Fátima/2023

2.2. Relatório das atividades realizadas

2.2.1. As atividades em sala de aula

Foi proposto para que os alunos identificassem o espaço geográfico da aldeia, a partir das imagens a seguir.

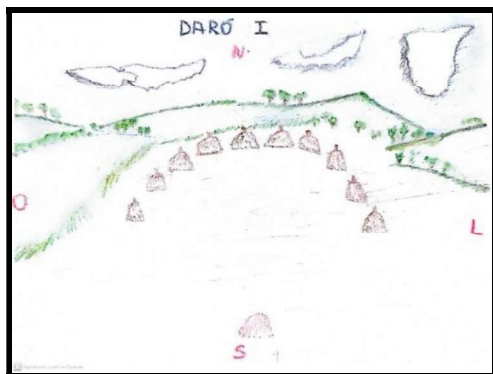
Fig. 05 - Localização da aldeia Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Imagens Captada de Satélite na internet. / Google Maps.

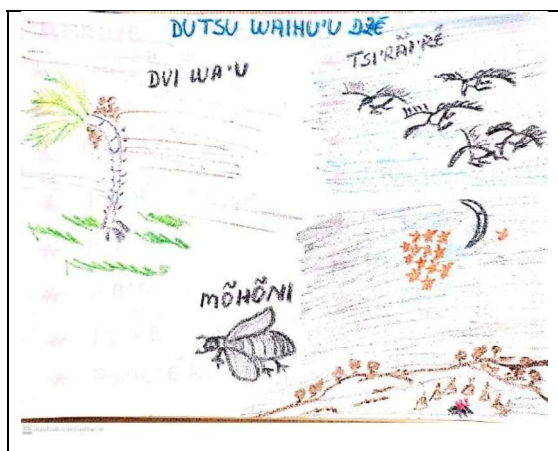
Em seguida, utilizaram o Chromebook para a identificação da Terra Indígena São Marcos e localizar a aldeia onde residem.

Ilustraram por meio de desenhos quatro paisagem da aldeia, fazendo sua classificação dos tipos de paisagens que existem no leste, oeste, de norte e sul.



Desenhista: Nhopawariwe/Fátima/2023

Conheceram os marcadores de tempo de Caçada de Fogo (tempo seco).



Desenhista: Tsiwadzu/Fátima/2023

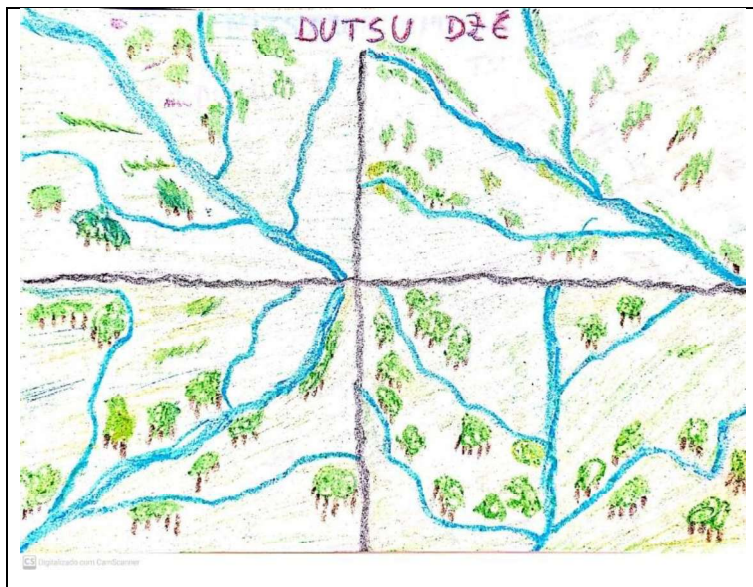
01-Dui Wa'u

02-Tsi'rāi'rē

03-Tsiruru

04-Mōhōni

Ró Aba dzé (Espaço de Caçada):



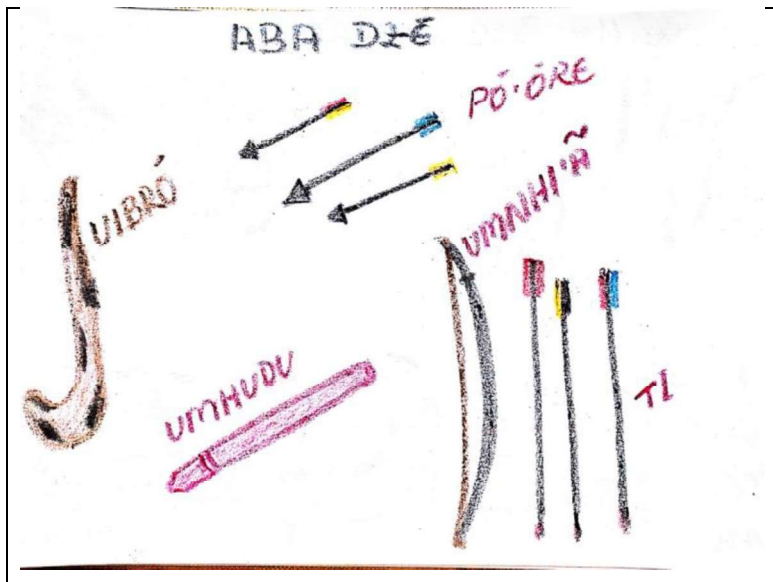
Desenhista: Duptuwě/Fátima/2023

Os alunos aprenderam a observação, classificação e o reconhecimento do espaço de caçada.

Watsa dzé (animais que consumimos). Os alunos Conheceram os nomes dos animais que caçamos e consumimos em nossa alimentação.



Reconhecimento das armas tradicionais usadas pelo povo Xavante.



Desenhista: Ró'öhö/Fátima/2023

Du dzapari dzé



Desenhista: Tsamariwê/Fátima/2023

Os alunos identificaram os lugares onde os caçadores encontram com facilidade durante a caçada de fogo:

- Amhu;
- Tsapudu;
- Tsipti.

Participação do ancião na sala de aula, explicando sobre a Caçada do Fogo.

Figura 05: Participação do ancião na aula teórica



Fonte: Tiago Tsitedzé/Fátima/2023

O modo de ensino-aprendizagem voltado aos mais jovens, no contexto da Caçada de Fogo, vem sendo desenvolvido com a participação ativa dos anciãos, o que fortalece o trabalho pedagógico dos profissionais de educação na escola. Conforme os costumes tradicionais, esse ensino é transmitido oralmente pelos mais experientes, que compartilham os saberes sobre a prática da Caçada de Fogo.

Essa transmissão envolve relatos sobre a importância da caçada, a valorização da cultura, e o reconhecimento dos conhecimentos e das sabedorias ancestrais que a sustentam. Trata-se de um processo que integra escola e tradição, teoria e prática, juventude e ancestralidade.

2.2.2. As atividades em Campo

Os alunos foram levados a observar os espaços utilizados para a caçada no território em que habitam, com o objetivo de conhecer os tipos e a classificação do Cerrado.

Durante a atividade, foi possível identificar as divisões territoriais feitas pelos principais córregos e seus afluentes, elementos fundamentais na organização dos locais onde são realizadas as práticas da caçada de fogo.

Essa vivência permitiu compreender como, a cada época de caçada, a comunidade estrutura seu território com base nesses referenciais naturais, integrando conhecimento ecológico e cultural.

Figura 06: Observação de Espaço de Caçada





Fonte: Tiago Tsitedzé/Fátima/2023

Figura 07: Atividades de Campo



Fonte: Tsidzapi/Fátima/2023

No início das atividades culturais realizadas na aldeia, os alunos participaram de forma ativa, colocando em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do semestre. Acompanhados pelos mais experientes, puderam exercer

suas habilidades de forma concreta, observando de perto como se realiza a Caçada de Fogo.

Essa vivência permitiu perceber a importância da cultura do povo A'uwẽ (Xavante), conhecer as formas tradicionais de realização da atividade, e compreender o papel fundamental dos caçadores no campo. Trata-se de um momento de aprendizado integral, que une teoria, prática e identidade cultural.

2.2.3 – Propostas de atividades escritas

Tsihötö dzanõ/Atividades

01) Atsinhari mono, e niwa te dutsu na date 'retsãna' rata?

Pesquise, em que época se inicia a caçada de fogo?

Resposta:

02) E'wabnori te dutsu na 'retsi'aba'rê dza'ra, wabdzana?

Quem pode participar da caçada de fogo, marque com um X?

- a. (Iprédu - Adulto) (.....)
- b. (Pi'õ - Mulheres) (.....)
- c. (Watébrémi - Meninos) (.....)
- d. (Ba'õnõ - Meninas) (.....)

03) Watsu'u na, e niha te dutsu hã 'reputsi'?

Escreva como acontece a realização de caçada de fogo?

Resposta –

04) E marida te dutsu hã 're höimana A'uwẽ ma hã?

Para que o povo Xavante realiza a caçada de fogo?

Resposta –

05)Watsu'u na ró abadze nhopêtédzé hã dui paramhã.

Justifique os lugares onde os caçadores encontram durante a caçada de fogo.

a. Amhu Campo:

b) Romtehudu:

c)Tsapudu:

d)Utsiró

06)Uptsâtã mono ipótó na, abadze hã:

Ilustre e classifique as caças que:

a) Watsadzé-Caça que consumimos:

--	--	--	--

--	--	--	--

b) Wate itsi'õ-Caça que não consumimos:

07) Dutsu da hã, e niha pi'õ nhimi romhuri hã?

Quais são as atividades femininas para a caçada de fogo?

Resposta –

08) Aba'wa nori hã, e niha tsuma ihöimanadzé?

Qual é a relação dos caçadores entre si?

Resposta.

09) Da'uptsâtã monobö dahörö nhidzu:

Cada grupo apresenta comunicação por gritos:

Grupo 01: Tsidzutsi Uhö 'mahörö/Comunicação quando encontrar bando de queixada:

Grupo 02: Utö 'mahörö/ Comunicação quando matar a anta:

Grupo 03: Rowatsété 'mahörö/ Comunicação quando encontrar pessoas estranhas:

10) E niha te dabatsa 'reputsi?/Como se realiza o casamento com a caçada de fogo? Explique:

2. Quadro didático sobre o Ensino da temática – Caçada de Fogo do Povo A'uwẽ 'Rãpré (Xavante)

	O objetivo desse processo de ensino-aprendizagem é praticar, no ambiente escolar, de forma teórica, os conhecimentos sobre a Caçada de Fogo — uma prática tradicional de grande importância para o povo Xavante. Essa vivência pedagógica visa valorizar e reforçar os saberes culturais que alimentam a convivência comunitária, promovendo a continuidade das tradições ancestrais. Através do trabalho conjunto entre professores e anciãos, fortalece-se a transmissão das sabedorias herdadas dos
--	---

Objetivo Geral	antepassados, tornando o espaço escolar um ambiente também de preservação da memória e da identidade do povo A'uwẽ (Xavante).
Objetivos Específicos	Identificar os protagonistas desse processo de aprendizagem alunos e anciãos; Aprender com o ensino transmitido pelos mais experientes no campo da educação tradicional, apresentando os materiais utilizados nas práticas da caçada de fogo tradicional e sua oferta à escola como recursos pedagógicos para serem utilizados durante o processo educativo.
Metodologia e recursos	O produto foi desenvolvido por meio de diálogos entre profissionais de educação, alunos, anciãos e toda comunidade escolar e da aldeia, usando as matérias primas do próprio povo Xavante da aldeia, os homens e as mulheres quem produz as ferramentas tradicionais de caçada, oferecem para a escola a serem utilizados nos ensinamentos
Conteúdos	O produto desenvolvido contribuirá significativamente para os processos de aprendizagem dos conhecimentos e sabedorias tradicionais. Seu uso será direcionado ao ensino médio ao longo dos dois semestres letivos. Distribuição pedagógica ao longo do ano: 1º Bimestre • Aulas teóricas introdutórias sobre a Caçada de Fogo e seus fundamentos culturais. 2º Bimestre • Atividades teóricas complementares, com aprofundamento dos conhecimentos e reflexões em sala de aula.

	3º Bimestre • Atividades de observação em campo, possibilitando que os alunos reconheçam o território, os sinais da natureza e os espaços sagrados da prática. 4º Bimestre • Atividades práticas com participação direta nas ações da Caçada de Fogo, acompanhadas pelos mais experientes e realizadas tanto na escola quanto no território tradicional. Esse percurso formativo valoriza a sabedoria ancestral, estimula o desenvolvimento integral dos estudantes e promove a união entre os saberes escolares e comunitários, permitindo vivências significativas dentro e fora da sala de aula — nos nossos verdadeiros campos de ensino e aprendizagem.
--	---

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para incluir esse tema como produto educacional na escola, inicialmente consultei os gestores da instituição. Em seguida, dialoguei com os anciãos da aldeia. Após a aprovação do tema por ambas as partes, convidei alguns anciãos interessados para participarem e acompanharem os processos de aprendizagem com nossos educandos locais.

Tivemos diversas discussões sobre os procedimentos para iniciar a aplicação desse conteúdo, envolvendo a organização das turmas, a definição dos tempos e espaços e a escolha dos materiais a serem utilizados. Felizmente, conseguimos estruturar tudo o que era necessário para trabalhar com os alunos do ensino médio.

Espera-se que os profissionais de educação que atuam nas áreas relacionadas a este produto reconheçam a importância dos conhecimentos herdados dos nossos antepassados. Esse material deve ser utilizado como

recurso pedagógico junto aos alunos, tanto nos espaços formais de ensino (na escola), quanto nos contextos comunitários e territoriais (fora da escola). A proposta é promover o reconhecimento e a valorização dos saberes e das sabedorias do povo A'uwẽ 'Rãpré (Xavante), inserindo esses conhecimentos nas memórias e nas vivências dos estudantes. Dessa forma, contribui-se para o fortalecimento da cultura Xavante e para a formação de uma educação comprometida com a ancestralidade e com o respeito à diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

Narradores

DUPTUWÊ, Luiz. **História do povo A'uwẽ Uptabi**. (Fonte Oral). Saberes A'uwẽ Uptabi. Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

ETERO'OWÊ, Desidério. **Caçada de fogo do povo A'uwẽ Uptabi**. (Fonte Oral). Saberes A'uwẽ Uptabi. Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

BOAVENTURA, Tserewamariwe Tserewawa. **Caçada de fogo do povo A'uwẽ Uptabi**. (Fonte Oral). Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

TSIPRE, Fernando Utebrewe, professor Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2024.

'RAIWABDZU, Félix Tseredzatsi professor Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2024.

'RÃIWABDZU, Nelson Pa'rawe, professor Terra Indígena São Marcos. Aldeia Nossa Senhora de Fátima, 2024.